BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº74 29 de Janeiro de 2002 **Quinzenal** **Director:** Sérgio Alves
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Dinis



O senhor que se segue

Víctor Hugo Salgado é, desde o dia 16 de Janeiro, o novo presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra. No início do mandato, o sucessor de Humberto Martins revela ideias e projectos, traçando os rumos que pretende dar à AAC.

Páginas 2 e 3

Academia

Carta dos Direitos e Deveres

Prevista nos estatutos da UC desde 1989, foi finalmente aprovada em Senado a Carta dos Direitos e Deveres do Estudante. Chega assim ao fim um longo processo marcado por vários avanços e recuos.

Página 4

Cidade

Novo executivo camarário

Após uma semana à frente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação já se demarcou do anterior executivo de Manuel Machado. A CABRA passa em revista os pimeiros dias do novo autarca à frente da cidade.

Página 8

Nacional

Eleições legislativas

A cerca de dois meses das eleições antecipadas de 17 de Março, os vários partidos preparam–se para ir a votos. A CABRA procurou saber como estão as várias estruturas partidárias a encarar a aproximação ao acto eleitoral.

Página 12

Cultura

Raquel Freire em entrevista

De muitos e diferentes pedaços se coseu esta conversa com Raquel Freire. De tudo um pouco se falou: Coimbra, cinema, política e aínda alguns segredos sussurrados. Uma entrevista que merece um olhar atento e um bom par de óculos... os mais exigentes, os de Coimbra.

Páginas 14 e 15

Reportagem

Exames

Livros, fotocópias, muita nicotina e cafeína e muito stress. Este é o dia–a–dia típico de um estudante em época de exames na mais antiga universidade do país.

Páginas centrais

Sai Humberto, entra 'Dodot'

"Queremos que a educação seja uma

O sucessor de Humberto Martins e novo presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) traça em linhas breves as directrizes do seu mandato e revela ao jornal A CABRA as vicissitudes do poder universitário.

Joana Fialho
Paulo Nuno Vicente



Víctor Hugo Salgado promete novas medidas de contestação à política educativa nacional

Numa altura em que se alteram os quadros da DG/AAC, A CABRA encontrou–se com o novo presidente e este revelou ao jornal o futuro que aguarda a "maior e mais antiga academia do país", num momento em que o governo aguarda eleições e a luta estudantil promete prosseguir.

Nas últimas eleições para a DG/AAC e respectivo Conselho Fiscal votaram cerca de 6200 estudantes. Como explicas esta adesão?

Essa adesão explica–se pela forma como foi orientada a campanha de parte a parte, aberta e franca, onde não houve aqueles problemas que sucederam no ano passado. Em especial por parte da nossa lista houve uma tentativa de fazer com que as pessoas votassem. Nas minhas próprias declarações não era pedida uma votação na lista X, mas uma votação que se pronunciasse. Nesse sentido vem todo o trabalho que foi feito ao nível da campanha, tendo sido distinguido um objectivo: movimentar. No final, tudo isto foi efectivamente demonstrado através da participação dos 6200 votantes.

Ainda assim o número de abstenções continua a ser muito elevado...

Ao nível da abstenção, o que se verifica aqui é o que se verifica ao nível nacional. A participação por parte do cidadão comum na sociedade, em especial no acto eleitoral, (embora este último tenha sido substancialmente diferente), passa por não se pronunciar. No nosso caso concreto é um reflexo da própria sociedade, uma tentativa de desmobilizar por parte dos próprios estudantes que neste momento estão um bocado despreocupados com toda uma série de situações.

O que pode a academia de Coimbra esperar de Víctor Hugo Salgado?

A academia de Coimbra não pode esperar de Víctor Hugo Salgado...Pode esperar, acima de tudo, da equipa encabeçada por mim. Vamos levar a cabo um trabalho intensivo numa tentativa de colocar o que de melhor se faz na AAC nas faculdades e aí viabilizar a sua presença, para que os estudantes de Coimbra passem a sentir a associação como há alguns anos atrás. Vamos tentar puxar os estudantes das faculdades à casa: muitos deles passam meramente nos corredores e não têm o hábito de a frequentar assiduamente.

Antevê–se que a TV/AAC não terá qualquer tipo de problemas de funcionalidade

"É necessário bater o pé"

Após 12 anos de espera, a Carta dos Direitos e Deveres da Universidade de Coimbra foi finalmente aprovada. De que forma a nova DG/AAC dará continuidade a esta vitória?

A próxima DG/AAC tem como objectivo e base fundamental do trabalho a regulamentação desse documento. Esta terá que ser efectuada conforme foi estabelecido em Senado e dentro de determinados prazos. Nesse sentido, vamos começar a apresentar uma série de propostas de regulamentação, na qual a primeira será a nível das questões de avaliação.

Vamos também primar pela regulamentação de determinadas situações fundamentais, entre as quais a relacionada com os deficientes motores, aprovada no último Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA). Tentaremos uniformizar as questões dos dirigentes associativos, para que a partir daqui sejam tratados de igual modo em todas as faculdades e departamentos da Universidade de Coimbra, bem como abordar a questão do estatuto de atleta de alto rendimento.

Os "postais da educação" serão outro objectivo da nova DG/AAC?

Os "postais da educação" são um projecto que vai ter que ser prolongado e consiste fundamentalmente em fazer dois tipos de postais: um específico em cada faculdade, um geral em toda a Universidade. Os específicos serão entregues com os problemas de cada estudante em Senado, os gerais destinam–se ao Governo que tomará posse.

Poderá o fórum com candidatos a primeiro–ministro, aprovado no último ENDA, ajudar o futuro da educação do nosso país?

Até aqui tivemos sucessivas alterações nos quadros de educação, mas foram todas meramente alterações de cosmética, na medida em que não alteravam efectivamente a estrutura e o plano de fundo da educação, que continua actualmente sem rumo. É necessário bater o pé e dizer que não queremos que esta mudança seja apenas mais uma mudança cosmética, mas sim uma mudança efectiva para que a educação passe a ser uma prioridade no nosso país.

Com este fórum saberemos o que eles querem para o país e poderemos votar em consciência.

«Esta lei não serve»

Para quando está agendada a revisão dos estatutos da associação?

A revisão dos estatutos da Associação, em função do actual presidente da Assembleia Magna, Joel Rocha, será agendada no decorrer do próximo mês de Fevereiro ou inicio do mês de Março.

Entendes que este novo executivo camarário facilitará de alguma forma a restruturação do edifício da AAC?

A restruturação do edifício não passa apenas pelo executivo camarário, mas também por todo um conjunto de órgãos relacionados com a AAC. Vamos tentar manter uma relação de maior proximidade com o executivo camarário, para sabermos se a câmara municipal tem, ou não, a academia como uma prioridade no desempenho das suas funções.

Tendo em conta que já foram dados passos bastante grandes no mandato anterior, vamos tentar reestruturar com maior brevidade o edifício, para que se proporcione a satisfação de parte das necessidades do dia–a–dia.

A nível externo, estamos a tentar concretizar toda uma série de protocolos com a câmara no sentido que esta demonstre qual a sua prioridade, e, a nível interno, tentaremos demarcar posições em relação a certas entidades, como é o caso da própria Reitoria e o Senado Universitário.

Como pensas viabilizar o projecto da TV/AAC, uma das apostas da tua campanha?

Da TV/AAC já se fala há muito tempo, mas alteram–se sucessivamente os rumos. Obviamente não vou chegar à DG/AAC após a tomada de posse e dizer «tudo o que foi feito até aqui é tábua rasa», obviamente que não. Houve um trabalho que foi concretizado e que tem um valor significativo.

Vamos tentar enquadrar, juntamente com a comissão instaladora, o funcionamento de uma nova TV/AAC, que tem contar com a participação activa dos órgãos da casa - A CABRA e a Rádio Universidade de Coimbra dentro da área de informação.

No sector de funcionalidade e de trabalho prático, é sempre necessária a presença do Centro de Informática da AAC e do Centro de Estudos Cinematográficos, tendo em conta a necessidade de um trabalho directo com computadores e o trabalho já realizado a nível cinematográfico.

Será criado um Conselho Social, no sentido de viabilizar os projectos a nível económico. Para além disto, teremos de ter presentes a Reitoria, os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra e o apoio da câmara municipal.

Antevê–se que a TV/AAC não terá qualquer tipo de problemas de funcionalidade.

Prossegue a polémica em torno das contas da AAC e o burburinho em volta da Queima das Fitas de 2001...

Foi para inverter essa polémica que eu e o Humberto Martins, como representantes da Comissão Fiscalizadora, apresentámos o relatório de contas publicamente, face à necessidade de transparência. Foi alterada a estrutura da Comissão Fiscalizadora.

Ao longo do período da Queima das Fitas demonstrámos que todas as contas foram revistas e confirmados todos os dados contabilísticos de todo o dinheiro: tudo o que era gasto e tudo o que entrava foi contabilizado. É apresentado um relatório de contas onde é demonstrado que existe um saldo positivo.Nunca falamos em lucro porque na AAC uma Queima das Fitas não pode dar lucro, dá apenas saldo positivo que é reinvestido na casa.

Para além disso, a Comissão Fiscalizadora tomou a decisão de não aprovar o pelouro da presidência e o pelouro de produção.

Para demonstrar todas as posições que demarcámos quer durante quer depois da Queima das Fitas, está concretizado que, neste momento, qualquer estudante pode ir à Tesouraria solicitar a presença da Comissão Fiscalizadora, que demonstrará o relatório no qual o estudante poderá ver como se processaram as contas da Queima das Fitas ao longo de um ano, desde os 20 escudos pagos para uma actividade pontual até aos valores entregues à produtora pelas bandas internacionais

prioridade no nosso país"

que cá vêm.

Como poderá a reformulação do estatuto da Queima evitar uma nova polémica?

Com esta reformulação alcançaram–se vários objectivos: fazer com que os comissários assumam um papel cada vez mais importante, através da chamada de atenção para determinadas funções que eles devem desempenhar, a alteração significativa da estrutura orgânica, em especial na eleição do corpo de secretariado, agora aberta a toda a academia, assim como a nível de comissão instaladora, com nova constituição.

Que desenvolvimentos antevês para a Lei de Financiamento do Ensino Superior com a tomada de posse de um novo Governo?

O Governo até aqui, e como o próprio Humberto Martins disse, foi um Governo de reacção, e não um Governo de acção. Esta DG tem como objectivo fundamental revogar essa mesma lei - sabemos que existem propinas e que estas são pagas pelos estudantes e que é efectivamente a única coisa que é cumprida nesta lei, porque qualidade não existe. O apoio que está previsto na lei para o estudante deslocado não é efectivamente passado à prática. Esta lei não serve e revela uma falta de capacidade, por parte do Governo, em planear a longo prazo uma estratégia para a Educação.

Sobre a Universidade de Coimbra (UC) abate–se um inverno demográfico, que foi subindo progressivamente em todos os escalões do ensino público e o Governo não tem respostas. Os estudantes terão uma palavra a dizer e cabe à DG/AAC levar a cabo uma série de actividades que demonstrem que estamos a trabalhar numa tentativa, não apenas de revogar a lei, mas de demonstrar que existem alternativas. Vamos dar início a um processo de fóruns de discussão entre estudantes dos órgãos de gestão e entre entidades externas, que nos permitirão no final tomar uma posição.

Ao longo do ano, vamos não só contestar, mas também viabilizar e demonstrar que não são apenas os estudantes que têm uma palavra a dizer, mas também os professores, e daí dizermos que vamos não só mobilizar uma academia, mas toda uma universidade.

Recentemente a AAC e, em geral, toda a vida académica de Coimbra, foram um pouco expostos pelo filme «Rasganço», de Raquel Freire, uma ex–dirigente da DG/AAC. Qual é a tua posição face a essa situação?

Tendo em conta que é um filme, proporciona–nos um choque positivo e um choque negativo. O choque positivo é o que vai decorrendo ao longo do filme e onde nos é permitido ver todo um retrato excelente da cidade de Coimbra enquanto imagem. Depois um choque negativo, por certas situações que se passam, mas que são atenuadas pela ideia de ser um filme, como o caso da Tomada da Bastilha ser feito a cantar e terminar no sítio onde deveria começar, como o caso da praxe aos caloiros, e a própria imagem de elitismo, em que uma pessoa externa não é permitida de entrar numa Assembleia Magna ou num convívio.

Neste sentido, há que avaliar este filme como fenómeno cinematográfico. Se o objectivo era passar para a tela a AAC e toda a vida académica de Coimbra não conseguiu, pelo contrário, demonstra uma certa negatividade relativa à tradição que existe à volta da própria AAC.

«O país não seria certamente o mesmo se não existisse a AAC» - declaração de Humberto Martins ao jornal A CABRA. Como comentas?

Enquanto estudante, toda a gente sabe que é completamente diferente pertencer à AAC ou à Federação Académica do Porto, só o próprio nome indica alguma coisa - a maior e mais antiga Associação do país e das mais antigas da Europa. Isto, enquanto estudante, tem uma grande representatividade, e daí toda a emblemática que leva alguns estudantes enquanto alunos do secundário a enveredarem pela UC e a integrarem–se activamente na AAC.

Como cidade, temos uma política camarária que nos últimos anos não foi a melhor para a AAC. Este ano, apesar de melhorias substanciais, vieram 7500 contos para a AAC para a área cultural, mas não se pode esquecer que foram 32 500 contos para os «Encontros Mágicos». Coimbra sem «Encontros Mágicos» continuaria a ser Coimbra, mas Coimbra sem a AAC não seria Coimbra.

Foi ao nível do movimento associativo nacional que se demonstrou que existe uma forte emblemática por parte dos estudantes em relação à UC e à AAC. Como foi dito num ENDA pelo ex–presidente do Instituto Superior Técnico, João Rosas, «é pena, neste ENDA, estar cá a AAC, porque se eles não estivessem cá presentes nós podíamos ser a maior e mais antiga associação presente». Desta forma, demonstra–se o carinho com que é recebida a AAC.



"Os estudantes estão um bocado despreocupados."

Não vou chegar à DG/AAC e dizer que tudo o que foi feito até aqui é tábua rasa

O plano da educação continua sem rumo

Editorial

Sérgio Alves

1.Chegaram ao fim, no dia 16 de Janeiro, dois anos de mandato de Humberto Matins e sua respectiva equipa à frente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC).

Quando Humberto Martins ganhou as eleições em Dezembro de 1999, muitos foram aqueles que questionaram a sua aptidão para dirigir a mais antiga associação académica do país, atribuindo a sua chegada à cadeira da presidência mais ao "factor Hugo Capote" (que com o seu famigerado *tabu* acabou por condicionar esse mesmo acto eleitoral) do que às suas verdadeiras capacidades, rotulando a sua vitória de circunstancial. Findos estes dois anos de mandato, o melhor que se pode dizer em relação a Humberto Martins será (re)afirmar que, a quando da sua saída, poucos terão ficado com dúvidas em relação a essas mesmas capacidades, em relação àquilo que ele e a sua equipa tinham verdadeiramente para dar à Associação Académica de Coimbra. Não se trata de estar aqui a recorrer a um qualquer elogio de consagração a posteriori, concerteza fácil e politicamente correcto nesta altura. De facto, muitas questões em particular poderiam ser esmiuçadas a ponto de se fazer uma exaustiva análise de dois anos de mandato; muitas coisas poderiam - chegar–se–ia porventura à conclusão - certamente ter sido conduzidas de uma outra forma, sendo impossível, naturalmente, saber se com melhores ou piores resultados. Mas é da mais inteira justiça reconhecer um trabalho que foi empreendido de forma dedicada e capaz, construído desde o primeiro momento sobre uma forma de estar que, sendo rigorosa, jamais deixou de se preocupar com a gestão de sensiblidades que é absolutamente necessário saber fazer num espaço com a natureza da AAC.

Uma gestão de sensibilidades que se fez sentir a nível interno, desde a dinâmica introduzida ao Conselho Cultural até à primeira tentativa efectiva levada a cabo nos últimos anos no sentido de conseguir alterar o funcionamento de uma estrutura congenitamente tão problemática como a Queima das Fitas.

Assim como também não deixará de ser justo reconhecer o importante papel que esse trabalho teve em fazer ressurgir, aos poucos, um movimento associativo que, em Dezembro de 1999, se precipitava lentamente a caminho do mais absoluto amorfismo, cada vez mais céptico na possibilidade de ver alterado um estado de coisas que a determinada altura ameaçava passar a ser tido como imutável. Não terá sido, concerteza, Humberto Martins a levar sozinho às suas costas esse movimento. Mas teve o mérito, ele e a sua equipa, de aproveitar as circunstâncias forçando, no momento certo e de forma efectiva, o despertar de consciências que se impunha, reagindo de forma atenta e tempestiva ao evoluir das situações.

"Não se lembrem de mim. Lembrem–se do que eu fiz", disse Franklin Roosevelt. Avaliar um determinado trabalho compreende que se tenha um conhecimento exacto das circunstâncias que o rodearam. Quando isso não acontece por inteiro (sempre difícil de se conseguir), temos que nos limitar a emitir uma humilde opinião. No entanto, não deixamos de lembrar o *que* se fez bem. E *quem* fez bem.

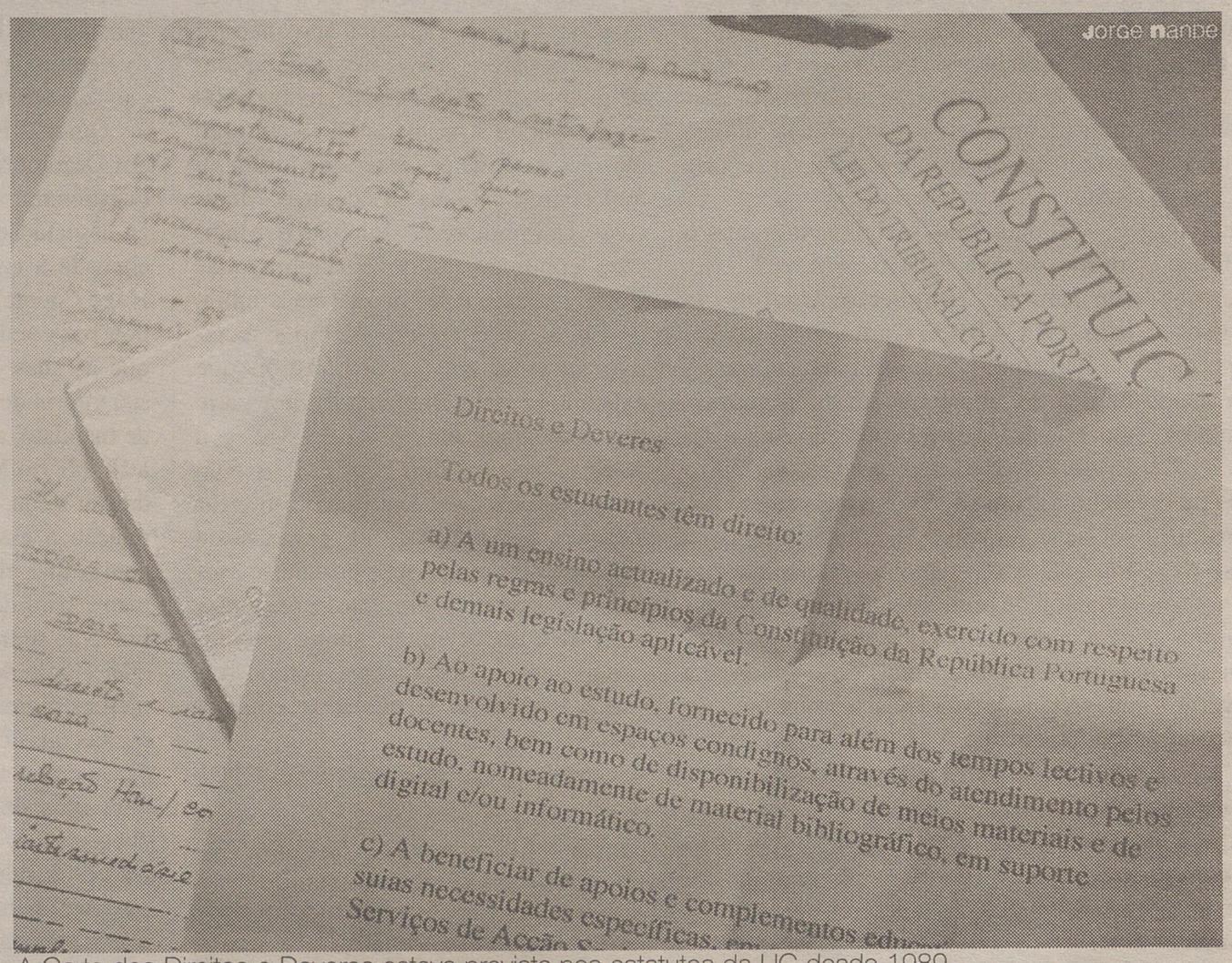
2. No mesmo dia 16 de Janeiro, Vitor Hugo Salgado tomou posse como novo presidente da DG/AAC. A herança que agora recebe é, concerteza, pesada. Daí o desafio que passa a enfrentar. Recebe uma associação académica à espera que a sua dinâmica interna continue a ser garantida e estimulada. E, sobretudo, recebe em mãos um movimento associativo num patamar de mobilização que há já muito tempo não registávamos. Numa altura em que o país aguarda eleições legislativas, não será de estranhar que muito se espere da gestão que se vai fazer desse capital de mobilização. Vitor Hugo terá a responsabilidade de fazer ouvir uma voz que, agora, se espera poder ser mais forte. E isto num momento em que, de certeza e por maioria de razão, ela terá mais possibilidades de poder ser ouvida.

Carta dos Direitos e Deveres do Estudante da Universidade de Coimbra

Documento aprovado

Foi aprovada no passado dia 9, em Senado Universitário, a Carta dos Direitos e Deveres do Estudante da Universidade de Coimbra. Termina assim um longo processo, do qual acabam por sair vitoriosos todos os estudantes da universidade.

João Pereira



A Carta dos Direitos e Deveres estava prevista nos estatutos da UC desde 1989

"Reafirmação de algo inerente ao estudante da Universidade de Coimbra." É assim que Bruno Julião - aluno da Faculdade de Letras e membro do Senado - define a Carta dos Direitos e Deveres do Estudante da Universidade de Coimbra (CDDEUC). A CDDEUC é um documento que reúne um conjunto de deveres e direitos fundamentais, aplicáveis a todos os alunos da Universidade de Coimbra (UC), independentemente da sua faculdade ou curso.

Nove direitos e seis deveres constituem o cerne da carta, que abrange aspectos fulcrais da actividade do aluno da UC, desde a pedagogia ao processo de avaliação, passando pelos recursos de apoio ao estudo e à aprendizagem disponíveis, e pela participação na vida académica e na gestão da UC. Será também finalidade da CDDEUC promover o bom funcionamento da comunidade estudantil e da instituição universitária.

12 anos depois

A CDDEUC encontra–se prevista desde 1989 nos Estatutos da Universidade. A sua recente aprovação foi o término de um processo marcado por algumas controvérsias no interior do Senado, que terão mesmo levado, em dada altura, ao seu abandono por parte dos alunos senadores.

Quando questionado acerca da longa duração do processo de elaboração e da tardia aprovação da carta, Bruno Julião comenta apenas que tal facto "é de estranhar".

Com efeito, foi já há três anos que se iniciaram os primeiros esboços no sentido da elaboração de uma Carta dos Direitos e Deveres, cuja necessidade efectiva foi uma questão que surgiu inicialmente nos plenários de Senado, fruto do facto de na lei estarem já consagrados os princípios que nela se deveriam encontrar expressos. Contudo, e até porque se trata de um imperativo estatutário, rapidamente se chegou a um consenso relativamente à premência da concretização de um documento deste cariz, tendo–se, igualmente, desde cedo, acordado sobre a importância do seu conteúdo. Desde então, a CDDEUC foi alvo de alterações de carácter meramente formal, que terão constituído um ponto discórdia e, como tal, um entrave à sua efectivação e entrada em vigor.

Igualdade de direitos

É objectivo da CDDEUC proceder a uma homogeneização e a um anulamento das diferenças existentes entre as faculdades no que ao estatuto do estudante diz respeito. Trata–se de um conjunto de princípios e normas gerais, que, segundo Víctor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), estão "efectivamente existentes e consagrados na lei em geral", mas que se pretendem vincular de uma forma mais directa à Universidade.

Víctor Hugo Salgado dá particular destaque aos direitos do aluno inerentes ao processo de avaliação. Tal como se encontra estipulado na carta, o aluno tem direito a uma avaliação feita com completo conhecimento dos critérios em que se baseia. Em termos práticos, pretende–se que qualquer estudante tenha acesso aos conteúdos programáticos da disciplina, à cotação das questões da prova e, após o momento de avaliação, aos critérios de correcção. Deverá, ainda, ser–lhe facultada, mediante pedido, uma fotocópia das provas escritas, que poderá usar para recorrer da classificação atribuída, através de um processo de recurso e eventual contra–recurso.

É também direito do estudante o "acesso a actividades complementares reconhecidas e organizadas pela Universidade, com vista à sua integral formação (...) sem prejuízo das suas actividades curriculares". Como tal, o estatuto do atleta de alto rendimento - que tem vindo há já algum tempo a ser alvo de debate por parte do Senado - deverá ser regulamentado para que estes estudantes não sejam prejudicados pela prática das suas actividades desportivas. Procura–se também proceder à unformização entre as diversas faculdades no que concerne à condição de dirigente associativo.

Um outro aspecto focado pelo presidente da DG/AAC prende–se com o direito ao benefício de "apoios e complementos educativos adequados" às necessidades específicas de cada estudante, que deverá estabelecer um conjunto de regulamentações que visem, entre outros, o caso particular dos deficientes motores.

"Um instrumento útil"

Não obstante o facto de já se encontrar aprovada na íntegra, torna–se agora essencial regulamentar determinados aspectos da CDDEUC e proceder à sua anexação à regulamentação actualmente existente. Este processo encontra–se a cargo da Reitoria.

A Carta dos Direitos e Deveres vem definir com mais precisão o estatuto do estudante da Universidade de Coimbra e, como afirma Victar Hugo Salgado, responde a uma necessidade de "consagrar determinados pontos", pela passagem de uma "regulamentação geral para uma regulamentação específica". Trata–se, nas palavras de Bruno Julião, de "um instrumento útil" para o coordenamento das diversas estruturas orgânicas da universidade e para o funcionamento das diferentes faculdades.

Direitos e Deveres

Todos os estudantes têm direito:

a) A um ensino actualizado e de qualidade, exercido com respeito pelas regras e princípios da Constituição da República Portuguesa e demais legislação aplicável.

b) Ao apoio ao estudo, fornecido para além dos tempos lectivos e desenvolvido em espaços condignos, através do atendimento pelos docentes, bem como de disponibilização de meios materiais e de estudo, nomeadamente de material bibliográfico, em suporte digital e/ou informático.

c) A beneficiar de apoios e complementos educativos adequados às suias necessidades específicas, em particular os atribuídos pelos Serviços de Acção Social Escolar.

d) A uma avaliação de conhecimentos realizada em concordância com o ensino ministrado, com claro conhecimento dos critérios em que se baseia.

e) Ao acesso a actividades complementares reconhecidas e organizadas pela Universidade, com vista à sua integral formação, nomeadamente nas vertentes artística, cultural, desportiva e científica, que lhes devem ser disponibilizadas de acordo com os meios existentes na Universidade e sem prejuízo das suas actividades curriculares.

f) A participar na vida académica, nomeadamente na gestão da Universidade de Coimbra, sem prejuízo das suas actividades curriculares.

g) A apresentar, junto dos orgãos competentes, reclamação ou recurso das decisões sobre matérias de administração, ensino e avaliação, ou outras do seu interesse, ligadas ao seu estatuto e em que estejam envolvidos, de acordo com os princípios gerais de direito.

h) Aos regimes especiais que os abranjam, de acordo com a legislação em vigor e as normas específicas da Universidade de Coimbra, estabelecidas pelo Senado.

i) Quando estudantes de pós–graduação, bem como quando mestrandos ou doutorandos, a um acompanhamento efectivo e adequado pelo(s) orientador(es), em horário que deve integrar a carga lectiva dos respectivos docentes.

Todos os estudantes têm o dever de:

a) Adquirir os conhecimentos e aptidões em cada disciplina e área de estudo.

b) Interagir com todos os elementos da comunidade universitária, promovendo o desenvolvimento de uma cidadania criativa, civicamente responsável e democraticamente interveniente na vida da comunidade.

c) Participar de modo empenhado na gestão democrática da Instituição e desempenhar com responsabilidade os cargos para que sejam eleitos ou designados.

d) Preservar os meios que são postos à sua disposição e destinados à sua formação académica.

e) Respeitar, promover e incentivar o respeito por todos os elementos da comunidade universitária.

f) Agir, em todos os seus actos, em conformidade com os princípios fundamentais do Estado de Direito.

Já foram apresentadas as contas da Queima 2001

Queima dá frutos

A Comissão Fiscalizadora faz balanço positivo do trabalho que foi realizado, numa altura em que foram aprovados novos estatutos para os orgãos que organizam este evento. Para o próximo ano esperam–se mudanças na estrutura da organização, tendo em vista uma maior transparência em todo o processo.

João Cortesão
Luísa Bourbon



O relatório e contas da Queima das Fitas 2001 apresentou um lucrio de 11mil contos

Pela primeira vez, em muitos anos, foi apresentado publicamente o relatório de contas da Queima das Fitas, medida que pretende conferir um aspecto de transparência a todo o processo. Um saldo positivo de 11 mil contos vai agora ser distribuido por vários sectores da Associação Académica de Coimbra. A organização da próxima Queima vai contar com 5 mil contos e o Conselho de Veteranos com 500, como é habitual, enquanto que aos Conselhos Cultural e Desportivo vão ser atribuidos 20 por cento do valor total; para a Direcção Geral da AAC e Comissão Central da Queima o valor é de 30 por cento.

Para Sara Martins, presidente do anterior Conselho Fiscal "as contas funcionaram muito bem, estando todas declaradas e disponíveis para consulta, algo que já não acontecia à vários anos e que vem dar bastante clareza a todo este processo". Na semana passada foi aprovada uma proposta, preparada ainda pela direcção de Humberto Martins, que vem alterar a organização da Comissão Fiscalizadora e os seus estatutos. Assim, este orgão deixa de ser o único recurso interno para a resolução de diferendos sendo possível recorrer ao Conselho Fiscal e, em última instância, à Assembleia Magna.

Alterações visam melhoria

A composição da própria Comissão vai ser alterada, embora continue a ser composta por cinco pessoas, com os novos estatutos temos a saída de um representante do Conselho de Veteranos e a inclusão de mais um membro da DG, alteração que se justifica pela necessidade de existir uma maior participação de membros do orgão máximo de gestão da Academia no processo de organização da Queima das Fitas. O facto de não existir presidente e de a Comissão ser composta por um número ímpar de elementos vem acabar com o privilégio do voto de qualidade, que deixa de ter razão para existir. Com os novos estatutos são criados vários mecanismos que permitem a demissão de comissários, caso estes não apresentem atempadamente quer o pré–orçamento, quer o orçamento para as actividades a realizar. Os secretários deixam de ser nomeados directamente pelo Secretário–geral, passando a ser eleitos mediante a apresentação de um currículo e sujeitos à votação por parte de uma comissão composta por representantes da Comissão Fiscalizadora, Comissão Central, secretário–geral da Queima das Fitas, Presidente da Mesa da Assembleia Magna (ou representante) e Presidente do Conselho Fiscal (ou representante). O projecto agora aprovado começou a ser elaborado logo após a Queima 2001, devido a uma necessidade de responder a vários problemas que ocorreram nesta altura, procurando sempre atingir um consenso entre os vários orgãos com interesses na matéria.

Erros a evitar

No que diz respeito aos aspectos negativos do trabalho realizado, Sara Martins realça o investimento de 2500 contos em 'merchandising' que acabou por não ser posto à venda nos postos habituais de venda de artigos alusivos à Queima, que nem sequer foram criados. Estes artigos ainda se encontram armazenados já que o presidente da Comissão Central não tomou medidas para rentabilizar este avultado investimento, criando um desnecessário e incómodo stock de material e fazendo com que toda a estrutura da Queima das Fitas pague por um erro individual, derivado de uma gestão incompetente.

Acerca dos problemas que se fizeram sentir com a atribuição dos contratos, nomeadamente de prestação de serviços, a explicação passa pela necessidade de obter o melhor serviço ao melhor preço, facto que justifica o "bailado" que se fez sentir a apenas alguns dias da Queima. Em relação à decoração do Baile de Gala, em particular, Sara Martins defende que este projecto tem que ter em consideração não só o valor monetário mas também os objectivos que se pretendem atingir, negligenciando o facto de a empresa ser chegada a um comissário, não tendo existido "razão de queixa do serviço prestado". A indecisão que se fez sentir no momento da escolha das empresas contratadas pode ter comprometido, de certo modo, a imagem da AAC, que tem vindo a perder com sucessivas más gestões, sobretudo ao nível da organização da Queima das Fitas, existindo "uma má imagem adquirida e difícil de apagar". Mais do que apenas controlar as contas a Comissão Fiscalizadora deverá também tentar estabelecer uma articulação real entre os diferentes orgãos, de modo a ter um conhecimento efectivo do seu modo de actuação e eliminar as falhas de comunicação que continuam a existir dentro da própria estrutura da organização.

Novos estatutos trazem mais transparência

Com a aprovação do novo regulamento surgem diversas expectativas em relação ao modo como vão decorrer os futuros trabalhos, esperando–se uma maior cooperação entre os diversos elementos que se deverá traduzir num aumento da transparência em todo o processo, assim como a instauração de uma forma mais prática de funcionamento, que terá sempre em vista o melhor para a AAC. "A Queima vai continuar a ser da Academia, existindo cada vez mais uma união de esforços, para que esta seja uma festa cada vez maior e melhor", aspecto que guiou os responsáveis pela elaboração do plano de reestruturação da estrutura organizativa da Queima.

Neste momento são várias as entidades que ainda não liquidaram as suas dívidas para com a organização da Queima das Fitas, tal como a Câmara Municipal de Coimbra ou a empresa Publimondego, que continuam em falta com valores da ordem de alguns milhares de contos.

Espera–se, pois, que o regulamento aprovado este ano venha permitir um maior dinamismo no processo de organização da Queima das Fitas e que a excepção que se verificou este ano, com a obtenção de um saldo bastante positivo, passe a ser a norma, ano após ano, para proveito de toda a Academia.

*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis
*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

1.600$00 Nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

FOTO MONTEIRO
Praça do Comércio – 8-1° telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1° piso

"O maior risco de todos é o imobilismo"

Senado aprovou novos cursos de mestrado e pós graduação na FLUC



Jorge Nande

Foram quinze os novos projectos aprovados pelo Senado da UC

Márcia Oliveira

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) "vai definir aquilo que pretende ser durante os próximos dez anos": é esta a linha orientadora definida pelo presidente do Conselho Científico da FLUC, Joaquim Sousa Ribeiro, que levou quinze novos projectos de mestrado e pós-graduações a aprovação na última reunião do Senado.

Aliar tradição e inovação na FLUC é o novo patamar, que desempenha um papel essencial na modernização da Universidade, apesar de comportar certos "riscos inerentes a novos desafios como este que agora assumimos".

Uma das principais inovações apresentadas com este conjunto de propostas é a disponibilização de pós-graduações e mestrados com o mesmo tema. Um sistema nestes moldes permite que quem não tiver a exigida média de 14 valores para se inscrever num mestrado, possa primeiro frequentar um curso de pós-graduação e posteriormente, tendo obtido nesta fase uma avaliação igual ou superior a 14, completar a sua formação com o grau de mestre. No sentido inverso, também é possível que aqueles que, não tendo concluido a tese de mestrado, possam obter a equivalência de uma pós-graduação. Esta flexibilidade de opções surgem com o objectivo, entre outros que se inserem numa nova política geral da faculdade, de alargar o universo de públicos aos quais se destinam estes "complementos" de formação académica.

O novo leque de ofertas e a abrangência de novas áreas também chegarão à FLUC em forma de licenciatura. "Ciências Documentais" é uma possibilidade que está ainda em fase de preparação e "Estudos Artísticos", que surge também na sequência do protocolo celebrado recentemente entre esta instituição de ensino e o Centro de Artes de Belgais, vai ser apresentada, juntamente com as propostas aprovadas em Senado, ao Ministério da Educação no próximo dia 31 de Janeiro.

Quem pretender frequentar os cursos aprovados terá que pagar uma propina de 2.500 euros pelo mestrado ou de 1250 pela pós-graduação. Resultado, são cursos que praticamente se auto-financiam, pelo que os problemas de financiamento que se sentem não só na faculdade como em toda a UC, aqui não se colocam. Com as novas licenciaturas a realidade já é outra, representando "um problema grave que exigiu estudos de exequibilidade financeira e trouxe a necessidade de ajustamentos nos projectos, uma vez que não estavam reunidos certos pressupostos financeiros".

Renovação global

Empenhada num profundo processo de reflexão interna que pretende restruturar globalmente a oferta da faculdade está a Comissão Central de Planeamento Estratégico, núcleo de definição e apresentação de novas propostas que têm como objectivo pôr termo a toda uma época de "ofertas avulso e iniciativas pontuais", passando para a elaboração de um "plano pensado, reflectido e global" que vai marcar o futuro desta instituição.

Este plano global de restruturação orienta-se através de três vectores essenciais: restruturação da oferta já existente, adequando as licenciaturas a novas exigências e melhorando a sua qualidade; oferta de novas licenciaturas, proporcionando a abertura da faculdade a novas áreas de intervenção e a abertura de novas pós graduações e mestrados, no sentido de satisfazer a crescente procura deste género de produtos e,assim, complementar a formação de um conhecimento em permanente actualização.

Dificuldades de saídas profissionais e razões no âmbito científico e pedagógico são algumas das motivações que levam à busca de uma crescente interdisciplinaridade, articulando diferentes áreas entre si "na procura de um conhecimento que se pretende transversal".

Bruno Julião, presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras, falou ao jornal "A Cabra" na qualidade de senador, uma vez que os estudantes ainda não estão informados desta novidade sendo necessário agora encetar um esforço de divulgação destas aprovações. No entanto, considera que "os órgãos de gestão estão de parabéns por esta iniciativa que decerto será proveitosa para a UC" lembrando, porém, que "as propinas são demasiado elevadas", fruto também da actual política de financiamento do ensino supeior, estando as propostas também "dependentes de aprovação a nível superior", nomeadamente no Ministério da Educação".

Globalização: fatalidade ou utopia?

Os desafios da Globalização em análise...

Vera Santos

O Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (CESFEUC) está a organizar um colóquio intitulado «Globalização:Fatalidade ou Utopia?», que se realizará nos dias 22 e 23 de Fevereiro, no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra. O objectivo principal do CESFEUC ao organizar este colóquio é promover um debate sobre as consequências resultantes da complexidade dos processos da globalização no mundo actual, contemporâneo, a partir do particular exemplo de Portugal como país semiperiférico.

O colóquio vai juntar as contribuições e opiniões de a investigadores nacionais e estrangeiros, que desenvolverão as suas exposições na base de uma linha geral, cujos objectivos são: "repensar os instrumentos teóricos e analíticos das ciências sociais face ao novo enquadramento global das relações sociais; avaliar os efeitos dos processos de globalização em sociedades semiperiféricas (como é o caso da nossa sociedade) e ponderar formas de actuação política e actual capazes de lidar com as oportunidades e os constrangimentos que tal enquadramento impõe aos actores sociais", segundo dados adiantados pela organização.

Assim, este colóquio terá o intuito de apelar às consciências sobre a problemática deste fenómeno e estimular a uma reflexão sobre a extensão da globalização no contexto de sociedades menos centrais na economia mundial, de que são exemplo os casos periféricos. Igualmente se pretende aprofundar o debate sobre os constrangimentos que a globalização acarreta a um nível internacional e nacional.

A ideia da realização deste evento partiu como prolongamento de uma ampla investigação, realizada com o contributo do CESFEUC, sob o título "A Sociedade perante os desafios da Globalização". Elaborado no decorrer dos últimos cinco anos, este estudo teve a cooperação de investigadores de várias áreas e de diversas instituições nacionais. A investigação orientou uma pesquisa no sentido de avaliar todas as implicações e consequências que os processos da globalização têm no caso particular da sociedade portuguesa, segundo refere a comissão organizadora.

O resultado destes trabalhos integram uma coleção de oito volumes, que estão a ser lançados pelas Edições Afrontamento. No primeiro volume desta compilação, fundamenta-se uma posição crítica sobre as questões da globalização internacional. Nos restantes volumes abordam-se questões de outra natureza: economia, migrações, educação, transnacionalização, entre outros. Foi a partir destas conclusões e problematizações referentes ao fenómeno em causa que se partiu para a realização deste debate.

O próprio nome dado ao colóquio, revela já por si uma reflexão: o fenómeno da globalização é uma realidade ou uma utopia? A diversidade deste processo provoca várias alterações numa estrutura social e são estas consequências que vão orientar as seis sessões plenárias que estruturam a organização do colóquio. A primeira intervenção ficará a cargo de Nancy Fraser (New School University), e conta com outros nomes sonantes como Pedro Espanha, José Reis, entre outros dos cerca de 70 congressistas presentes. "Cidadania, Exclusões e Solaridaredades", "A Regulação Social entre o Estado e Não -Estado", "Cultura, Especialidades, Diásporas e Identidades", "Ciências, Tecnologia e Humanidades" são vertentes abordadas na programação para discussão no colóquio. De referir que competirá ao sociológo Boaventura Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais e coordenador do projecto, proferir o balanço final da conferência, na sessão de encerramento.

PUB

Colóquio

Globalização

FATALIDADE OU UTOPIA?

22 e 23 de Fevereiro de 2002
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra

Organização:
Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Programa

22 Fevereiro 2002
10.00 **Sessão Inaugural**
Nancy Fraser (New School Univ., New York)
14.00 **Cidadania, Exclusões e Solidariedades**
Pedro Hespanha (CES-FEUC), Stephen Stoer (CES-FEUC/FPCEUP), Isabel Guerra (ISCTE), Teresa Cruz e Silva (Univ. Eduardo Mondlane, Maputo)
17.00 **A Regulação Social entre o Estado e o Não-Estado**
José Reis (CES-FEUC), José Manuel Pureza (CES-FEUC), Augusto Mateus (ISEG-UTL), Leonardo Avritzer (Univ. Fed. de Minas Gerais)

23 Fevereiro 2002
9.30 **Cultura, Espacialidades, Diásporas e Identidades**
Carlos Fortuna (CES-FEUC), Maria Irene Ramalho (CES-FEUC/FLUC), José Machado Pais (ICS-UL), George Yudice (New York University)
14.00 **Ciências, Tecnologias e Humanidades**
João Arriscado Nunes (CES-FEUC), António Sousa Ribeiro (CES-FEUC), João Caraça (Fundação Calouste Gulbenkian), José Arthur Giannotti (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, São Paulo)
17.00 **Sessão de Encerramento**
Boaventura de Sousa Santos (CES-FEUC)

Contactos:
Centro de Estudos Sociais
Largo D. Dinis, Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 COIMBRA
Telef. 239 855570/80 · Fax. 239 855589 · Email: coloquio@sonata.fe.uc.pt · Url: http://www.ces.fe.uc.pt

INSCRIÇÕES ABERTAS

Esperam–se dias conturbados em Souselas

Co–incineração avança

O processo de co–incineração na cimenteira de Souselas pode conhecer alterações nos próximos dias. O novo executivo camarário afirma lutar até que este processo seja esquecido enquanto que a Comissão Científica Independente reafirma a vontade de avançar com os testes nos próximos meses, com ou sem teste epidemiológico para determinar o estado de saúde da população...

João Cortesão


D.R.

A CCI reafirma que os testes vão continuar a ser feitos

Apesar de tudo o que já foi dito acerca deste processo polémico permanece uma grande incerteza acerca do que se vai seguir, agora que existe um executivo camarário que se opõe abertamente à continuação dos testes na cimenteira. A população pensa ter encontrado em Carlos Encarnação a saída para este problema, enquanto que a CCI afirma que os testes vão continuar a ser feitos, independentemente da realização, ou não, de um estudo epidemiológico que permita avaliar o verdadeiro estado da saúde em Souselas.

Formosinho Simões, presidente da CCI, reafirma que este é um processo que não vai trazer quaisquer riscos acrescidos para a população desta localidade, uma vez que vai ser feito um controle mais apertado a todas as emissões da cimenteira. Para aquele que é o principal "defensor" da queima de resíduos em cimenteiras, os argumentos avançados pelas organizações ambientalistas não passam de pequenos contributos para a resolução de um problema muito mais abrangente e complexo, que apenas pode ser solucionado na sua totalidade com o avanço da co–incineração.

Resíduos ao abandono

O problema dos resíduos torna–se ainda mais grave se pensarmos que a maioria das indústrias em Portugal não declara os resíduos que produz, para evitar o pagamento de coimas, muitas vezes bastante elevadas. O destino destes resíduos é muitas vezes o abandono em cursos de água ou em aterros nas imediações das indústrias, facto que causa incalculáveis e irremediáveis prejuízos para a saúde pública.

Para associações ambientalistas como a QUERCUS, a CCI deixou de respeitar os princípios que nortearam a sua fundação quando passou a ser um orgão de defesa da co–incineração e não um observador imparcial, criado para supervisionar todo o processo e detectar eventuais perigos para a saúde pública. Segundo João Gabriel Silva, forte opositor do processo de queima de resíduos e membro da QUERCUS, existem diversas alternativas para a maior parte dos resíduos, respeitando a política dos 3R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar).

Co–incineração vantajosa para cimenteiras

Para todos os resíduos que foram analisados por esta associação foi encontrada uma solução ecologicamente viável, facto que leva ao surgimento de dúvidas em relação às verdadeiras motivações existentes neste processo. Se é verdade que tem que ser encontrada uma solução para os resíduos tóxicos existentes actualmente um pouco por todo o país, é igualmente verdade que este processo envolve valores muito elevados, sendo extremamente vantajoso para os proprietários das cimenteiras, que têm assim acesso a combustível "alternativo" a custo zero, recebendo ainda um subsídio pela sua utilização.

No decorrer deste processo são várias as contradições encontradas, tal como na recente discussão acerca da realização do teste epidemiológico à população de Souselas, sem o qual não poderiam ter sido ser feitos quaisquer testes na cimenteira. A CCI recusou qualquer responsabilidade neste aspecto, embora seja apenas necessária a apresentação de um protocolo da Comissão Científica, em que esta refira quais os pontos que devem ser analisados pela Administração Regional de Saúde do Centro, entidade que está responsável pela realização do estudo.

Para a Associação de Defesa do Ambiente de Souselas (ADAS) este processo representa um completo desrespeito pela saúde da população desta localidade, facto que é visível na não realização de um estudo que permita avaliar as possíveis consequências que a queima de resíduos acarreta.

Crítica Ambiental

Industrialização... e Saúde Pública

Manuel Eduardo

A CABRA falou com o presidente da Associação para Defesa do Ambiente de Souselas. Joaquim Gonçalves afirma que no país já há tecnologia para evitar a co–inceneração, e aponta o dedo aos factores económicos como os princípais responsáveis pela co–inceneração.

Quando nasceu a vossa Associação? Tinha alguns propósitos anteriores à co–inceneração?

A nossa Associação tem o registo notarial de 16 de Abril de 1998 e a sua formalização veio na sequência de uma comissão de luta contra a indústria cimenteira, que se chamava comissão anti–poluição. Esta comissão formou–se em meados de 1976. Portanto dois anos após a fábrica ter entrado em laboração, que começou em 1974. De 1976 a 1998 trabalhou como comissão e em 1998 foi devidamente formalizada.

Acha que a consciência ambiental das pessoas, começou a ter maior desenvolvimento a partir dos anos 80?

A nossa freguesia sempre teve uma população com bastante sensibilidade para estas situações e para este fenómeno de protecção ambiental.

A partir de 1994 a direcção fabril começou a pensar mais na protecção ambiental e a ter mais consciência da forma como estava a laborar aos arrepios das normas ambientais. Os problemas de saúde na nossa população, com a deterioração da flora, com a quebra da produção de vinho, azeite, floricultura e horticultura também contribuiram.

A nossa associação tem um papel muito meritório, porque vamos alertando para as coisas que vão surgindo...

Em termos cientificos, qual é a evolução dos dados relativos ao impacto na saúde das pessoas?

Desde o ínicio da década de 80 até aos nossos dias, tem–se agravado o estado de saúde da população, principalmente da mais jovem. Há uma afluência anormal ao posto médico, com sintomas de bronquites, asmas, alergias e problemas cardíacos. Também se tem verificado muitas mortes com cancro, principalmente relacionados com as vias respiratórias e pele.

A nossa associação com o departamento da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, fez um inquérito a cerca de 98% da população que vive na zona da fábrica. O confronto com os dados nacionais, veio mostrar que havia uma prevalência muito significativa (nalguns casos o triplo) desse tipo de doenças na região centro.

Recentemente veio a provar–se cientificamente, que as condições ambientais podem causar inversões no sexo dos bébés à nascença. Suspeitou–se que o fenómeno estava a acontecer em Souselas, e fizemos um inquérito ao período pré e pós instalação da fábrica. Após a sua laboração, realmente estes factos verificaram–se: a média que tendia para o nascimento de rapazes, inverteu–se...

Já se diz que a fábrica "efeminizou a população nascida em Souselas". Foi mais um facto cientifico, que veio provar que há alterações muito profundas no estado de saúde desta população, devidas à poluição ambiental.

A manterem–se as mesmas pessoas no ministério do ambiente, nomeadamente José Sócrates, a vossa "margem de manobra" vai ser menos facilitada?

Os resíduos que estão destinados à co–inceneração são de 2 a 5%, do total produzido pelo país. O problema está na tipificação e nas alternativas que as cimenteiras poderiam utilizar. Já se chegou à conclusão que não é necessário co–incenerar os óleos e os solventes. Estes poderiam ser reciclados e ser reintroduzidos no mercado sem causar qualquer problema a nível ambiental.

Em Portugal já há tecnologia disponível para eliminar as lamas, por centrifugação e separação. Não há necessidade de continuar este processo, pois a sua continuação só se justifica pela resolução de um problema económico das cimenteiras.

Com a actual posição governamental, aliada à filosofia que superintendeu este processo e a manutenção do mesmo ministro, é claro que temos uma situação extremamente complicada.

Nada devia avançar sem se saber o estado actual da nossa população...

Devia–se procurar saber se a nossa população suporta mais algum tipo de agressão. Provando–se com o estudo epidemológico, posteriormente perguntava–se quem causou e quem vai pagar os danos irreversíveis à nossa saúde.

Vamos continuar na nossa luta e com a nossa maneira de ver esta problemática.

Expectativas elevadas

Encarnação em força

No passado dia 15 de Janeiro, Carlos Encarnação assumia a presidência do executivo camarário de Coimbra. A CABRA foi investigar de perto as primeiras decisões deste autarca e traça aqui o balanço.

Emanuel Graça

HUGO RASCÃO



Carlos Encarnação toma primeiras medidas na cidade

Um mês depois de ser eleito e após uma semana de mandato, a obra de Carlos Encarnação começa rapidamente a tomar contornos programáticos. Desde a oposição ao processo da co–incineração, passando pela revisão das decisões pós–autárquicas tomadas pelo anterior executivo ou ainda pela aprovação de uma auditoria externa às contas da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), o autarca eleito pela coligação PSD/CDS–PP/PPM entrou em força na cidade. Depois de doze anos de governação rosa pela mão de Manuel Machado, o concelho mergulha agora numa maré laranja.

Logo no seu discurso de tomada de posse, Carlos Encarnação deixou antever uma futura posição dura e crítica perante o seu antecessor. Referindo–se a dificuldades e desafios financeiros, o recém–empossado autarca realçou aquilo que considerou serem opções erradas da anterior equipa camarária, nomeadamente o desinvestimento na indústria e na atracção de novos complexos empresariais. Porém, e apesar dos evidentes atritos, foi após a primeira reunião de câmara do novo executivo, a qual tomou lugar, excepcionalmente, na Casa do Povo de Souselas, no cumprimento de uma promessa eleitoral de Encarnação, que a ruptura com as políticas de Manuel Machado se tornou evidente. O novo presidente da CMC não poupou críticas ao seu ex–adversário eleitoral e avançou imediatamente com um conjunto de medidas e reavaliações concretas para a cidade.

Críticas e auditorias

Na sua primeira reunião camarária, o novo autarca não perdeu a oportunidade de começar a fazer uso da maioria absoluta adquirida pela sua coligação nas autárquicas. Deste modo, fez suspender todas as decisões tomadas na última sessão presidida por Manuel Machado enquanto autarca demissionário, as quais se encontram agora em espera para serem novamente levadas a votação. Relembre–se que nessa reunião, ocorrida a 14 de Janeiro, um dia antes da tomada de posse de Carlos Encarnação, o então presidente da CMC fez aprovar um conjunto de obras particulares e públicas que o PSD concluiu serem prejudiciais para o seu projecto de cidade. Esta atitude levou a que os vereadores sociais–democratas se retirassem da sala e emitissem um documento de repúdio face à atitude de Manuel Machado. Entre as alegadas decisões lesivas encontravam–se a aprovação do complexo de cinemas na antiga fábrica da Triunfo, de diversos loteamentos por toda a área do concelho e a cedência de terrenos camarários.

Outro dos pontos a salientar nesta primeira reunião de Carlos Encarnação foi a abertura de um concurso público para a realização de uma auditoria externa às contas e obrigações assumidas pelo anterior executivo camarário. Paralelamente, foi também decidido que todos os processos aprovados em reunião de câmara após a realização das últimas eleições seriam reavaliados em função do seu teor.

Não à co–incineração

Porém, a grande aprovação desta sessão camarária acabou por ser a "Declaração de Souselas". Este documento, fruto de uma decisão unânime entre todos os quadrantes políticos com assento na câmara, representou o reiterar e o institucionalizar da oposição da edilidade face ao processo de co–incineração enquanto forma de destruir os resíduos industriais perigosos. Segundo esta declaração, a CMC "reafirma a sua total oposição à co–incineração em Souselas ou em qualquer outra cimenteira".

Assim, este documento "manifesta a intenção" da câmara "de usar todos os meios políticos e jurídicos ao seu alcance para levar o Governo português a abandonar o processo de co–incineração", ao mesmo tempo que defende a "absoluta necessidade da realização de um referendo local que permita a participação democrática dos munícipes de Coimbra como suporte das deliberações a emitir no uso das competências próprias da autarquia".

Ainda como pontos "quentes" desta declaração, surgiram as referências à actuação da Comissão Científica Independente (CCI), a qual é caracterizada pela "clara violação do método científico" e pela "recusa sistemática de incluir nos seus cenários as situações de acidente".

Em relação a esta posição, recorde–se a polémica que surgiu entre o actual ministro do Ambiente, José Sócrates, e Carlos Encarnação, com Sócrates a acusar directamente o autarca conimbricense de leveza, no dia seguinte à sua tomada de posse. Para o ministro do Ambiente, a co–incineração "é a solução para um problema nacional", pelo que acaba por ser "uma irresponsabilidade atacá–la sem apresentar opções". Por outro lado, considera "ilegal" a proposta avançada por Carlos Encarnação de realização de um referendo local, ao mesmo tempo que teceu duras críticas à actuação do PSD e dos seus dirigentes nesta área.

Porém, o novo presidente da câmara não perdeu tempo e, ainda no mesmo dia, respondeu a estas críticas, ao vivo e a cores, no telejornal das oito da noite de um canal português. Carlos Encarnação voltou a criticar a actuação da CCI, lançando novamente dúvidas sobre a qualidade do trabalho desenvolvido por esta comissão e sobre a sua independência. Para este autarca a co–incineração é intolerável, pelo que defende a existência de três formas simples e distintas de a parar: "mudar de Governo", "aplicar a Convenção de Estocolmo" ou simplesmente "realizar um referendo local".

Transportes e cultura

Outra obra que já vem do executivo camarário anterior mas cuja orgânica Carlos Encarnação põe em causa é a execução do metropolitano ligeiro de superfície. Segundo tornou público a 22 de Janeiro, a forma que considera mais viável de levar a cabo este projecto é através da divisão da obra em duas fases. Assim, defende como aspecto prioritário fazer a ligação entre Coimbra e Serpins até que, em 2007, finalmente esteja operacional toda a rede.

Por outro lado, o presidente da autarquia de Coimbra defende algumas alterações em relação ao traçado urbano do projecto, o qual será alvo de uma reapreciação, bem como algumas mudanças na forma como todo o processo está a ser desenvolvido, de modo a torná–lo mais célere e simples.

Entretanto, já no final da semana passada, Carlos Encarnação decidiu anular o protocolo de cedência do quartel dos bombeiros da Avenida Sá da Bandeira à Máfia - Federação Cultural de Coimbra. Na altura, o autarca justificou–se, advogando que possui outros planos para aquele edifício. Segundo o presidente da CMC, aquele espaço deveria ser antes direccionado para alojar uma unidade de bombeiros que sirva de base de apoio à alta da cidade, entreavendo–se também a possibilidade de, naquele local, se poderem vir a constituir as instalações da futura polícia municipal. Deste modo, o autarca alega razões de segurança pública para a quebra do protocolo com a Máfia.

Com este desrespeito por parte do actual executivo do acordo estabelecido entre as cinco associações culturais que compõem a Máfia e a equipa camarária de Manuel Machado, estas ficam sem qualquer espaço físico onde possam desenvolver as suas actividades. Entre as vozes discordantes com esta decisão, salienta–se a de Teresa Portugal, ex–vereadora da cultura, que considera que esta foi uma medida incorrecta, precipitada e imponderada e que põe em causa companhias com créditos firmados.

Apesar de uma semana atribulada e das dificuldades inerentes ao facto de estar a substituir uma equipa camarária bastante instituída ao nível da vida da cidade, Carlos Encarnação conseguiu passar neste primeiro teste. Por outro lado, neste momento, a oposição à co–incineração surge como a sua maior aliada, tendo–lhe valido um grande apoio público. A grande interrogação agora é saber se este autarca estará ao nível das expectativas que criou à sua volta durante estes primeiros dias de mandato, sem no entanto cair no erro de enveredar por uma batalha política infrutífera com Manuel Machado.

Ficha Técnica

Director: Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Pedro Correia, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas,Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Ana Laura, Ângela Neves, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Helena Marques, Hugo Ferreira, João Cortesão, João Pedro Marques, João Vaz, José Carlos Santos, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Diogo Serras, Pedro Correia, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Sónia Joaquim, Sílvia Matos, Tiago Azevedo **Colaboradores:** Aida Lima, Bruno Ferreira, Carlos Pinto Cláudia Rodrigues, Eduardo Brito, Filipa Pereira, Gustavo Sampaio, Joana Fialho, João Pereira, Jonas Batista, Jorge Nande, Kossaqui, Liliana Guimarães, Luísa Bourbon, Marco Carvalho, Paulo Nuno Vicente, Sara Martins, Sónia Nunes, Vera Santos **Fotografia:** Pedro Correia, Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/916399082/239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Exames...

Marranço...

Chumbos...

Cábulas...

Notas...

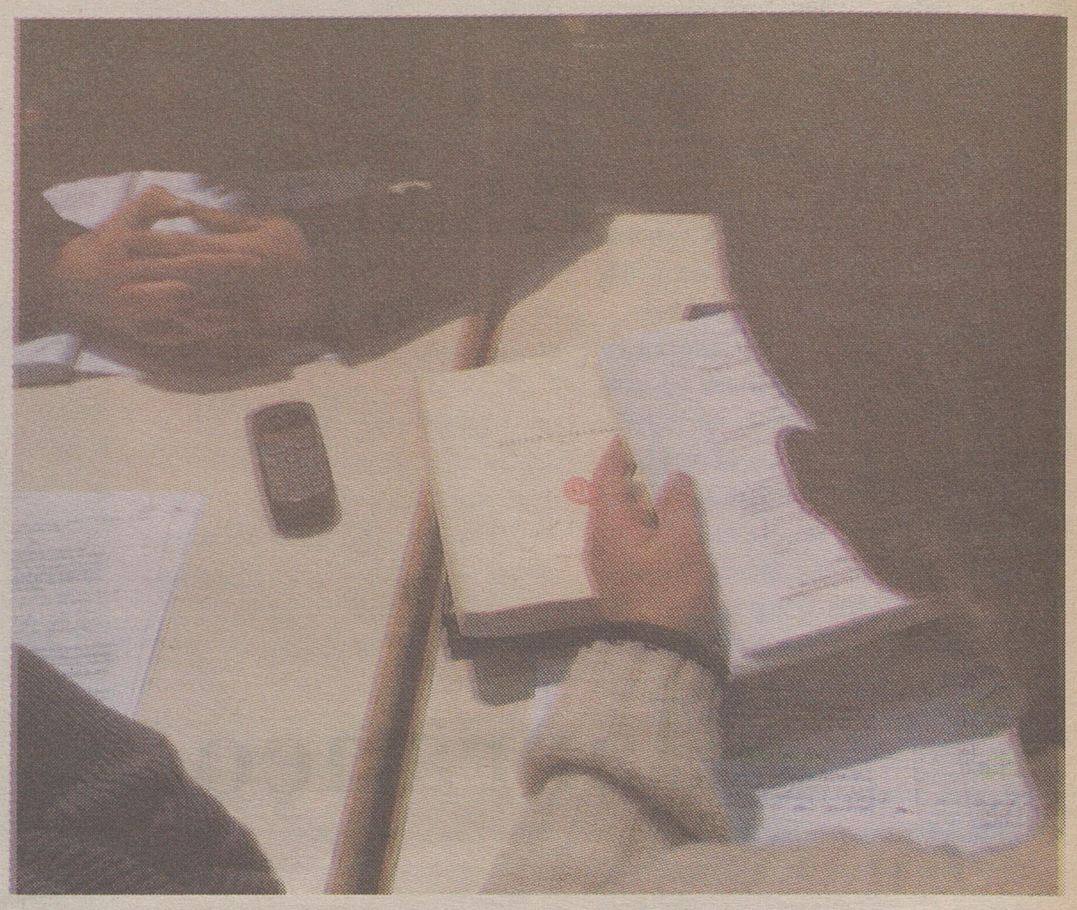
Café...

...e muitas fotocópias!

Após horas e horas de afincado "estudo" boémio, as primeiras avaliações aproximam–se. Monstros de dimensões incógnitas, folhas brancas de branco desconhecimento preenchem as milhares de mentes que se preparam para a hora do derradeiro capítulo. As mãos, trémulas, abraçam a caneta numa carícia mortífera... "São ós exames!... são os exames..."

Em busca do tempo perdido

"Tenho que escolher o que detesto - ou o sonho, que a minha inteligência odeia, ou a acção, que a minha sensibilidade repugna; ou a acção, para que não nasci, ou o sonho, para que ninguém nasceu.
Resulta que, como detesto ambos, não escolho nenhum; mas, como hei–de, em certa ocasião, ou sonhar ou agir, misturo uma coisa com a outra."
- "O Livro do Desassossego", Bernardo Soares/Fernando Pessoa.



Acordo.

Bruscamente, essa realidade alarmante puxa–me para um mundo paralelo, um mundo de estudo e cadernos, um mundo diferente da normalidade da vida coimbrã. Tenho exame. Lá fora, o céu, pintado de um cinzento demasiado melancólico, reacorda a preguiça do sono e puxa–me novamente para os lençóis. Tento resistir... São só mais cinco minutos...

Lentamente, a consciência, acutilante, começa a atacar. Uma pequena grande maré de remorsos acorda o corpo torpe.

Levanto–me.

Sobre a mesa abandonada repousam os apontamentos, essas folhas cheias de conhecimento que me esvaziam a alma. Olho–os, mais uma vez. Procuro nos confins da memória algo que me ligue àquele conjunto inerte de caracteres que, num acto trocista, bailam à minha frente. Os olhos, ainda pesados da noitada de estudo de ontem, atraiçoam-me. Olho para o relógio. É tarde. Já nem vale a pena começar... Vou antes almoçar...

Um ambiente soturno, quase kafkiano, enche o vazio das cantinas. Espalhados pelas mesas inócuas, surgem pares de olhos cansados e testas franzidas, escondidos entre livros e fotocópias. As mãos, ora perdidas sobre os tabuleiros, ora embrulhadas em gestos lentos e motorizados, relembram–me que não sou o único em apuros. Ainda ontem ponto de partida de noites mágicas e loucas, hoje as cantinas são momentos de pausa numa vida mergulhada no saber. Antíteses de uma vida de estudante...



Tic–tac... Tic–tac... Tic–tac...

As folhas desfilam perante uma mente demasiado abstraída da realidade, anestesiada pela inocuidade alva das paredes do edifício. Vejo e revejo as aulas a que não fui, os cálculos que não fiz, a matéria que não dei... Amaldiçoo as noites bem regadas, as manhãs bem dormidas, as saídas prolongadas, as aulas esquecidas... Porquê tanta iresponsabilidade?... Mas chega de lamúrias, de tristeza! Um novo ânimo preeenche–me o espírito! Penso na maezinha, perdida lá na terriola, sonhando com o seu filho doutor, no pai babado, elogiando o descendente aplicado perante os companheiros de tasca e volto à luta.

Tic–tac... Tic–tac... Tic–tac...

"Round two!" De mangas arregaçadas e olhos abertos em defesa do brio e da honra perdida, começo finalmente a entender a beleza subjacente ao conhecimento. Herói de capa e espada, sinto–me capaz de enfrentar o mais sisudo exame, o mais barrigudo examinador, a mais difícil oral. Maestro da orquestra, entreligo as letras em palavras, as palavras em frases e as frases num todo que, imagine–se!, até posssui um mínimo de coerência! De ego bem alto, peito cheio e queixo erguido, mergulho na complexidade que me afronta e, num imenso suspiro, absorvo por osmose esse capital maior que é o saber.

Entre uma ou duas pausas para cumprir o dever da política dos três "Cês" (café, cigarros e casa–de–banho), sinto–me um verdadeiro estudante. A capa e a batina de alegre e descomprometido amante da vida doce ficou perdida numa sarjeta qualquer. Em alternativa, cada vez mais visto o fato de doutor, farto e selecto em intelectualidade.

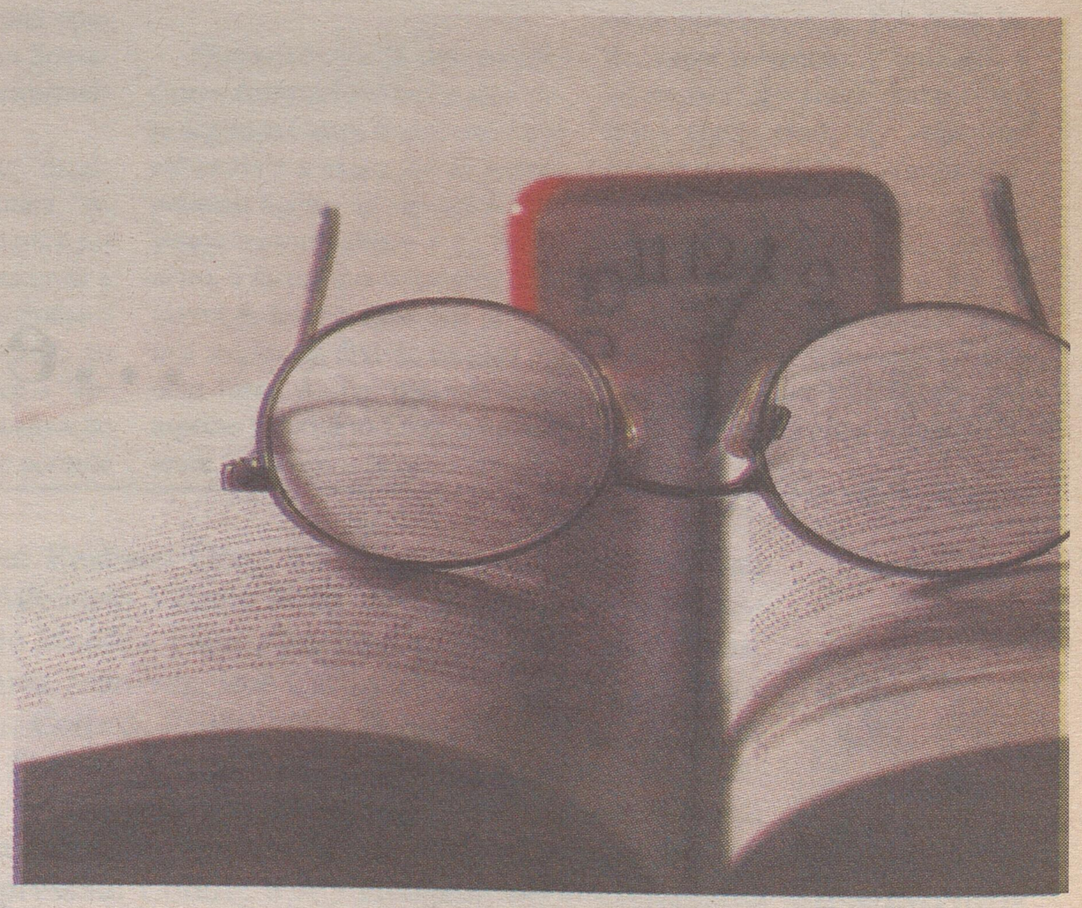
Para despertar os poucos neurónios sobreviventes da demanda pelo Santo Graal da sapiência dirigo–me à Praça da República. O Inverno embrulha as árvores numa nudez constrangedora, quiça reflexo da minha nudez íntima. Perdido nos paralelipípedos irregulares da calçada, sigo eu também o meu percurso irregular...

Vou tomar café.

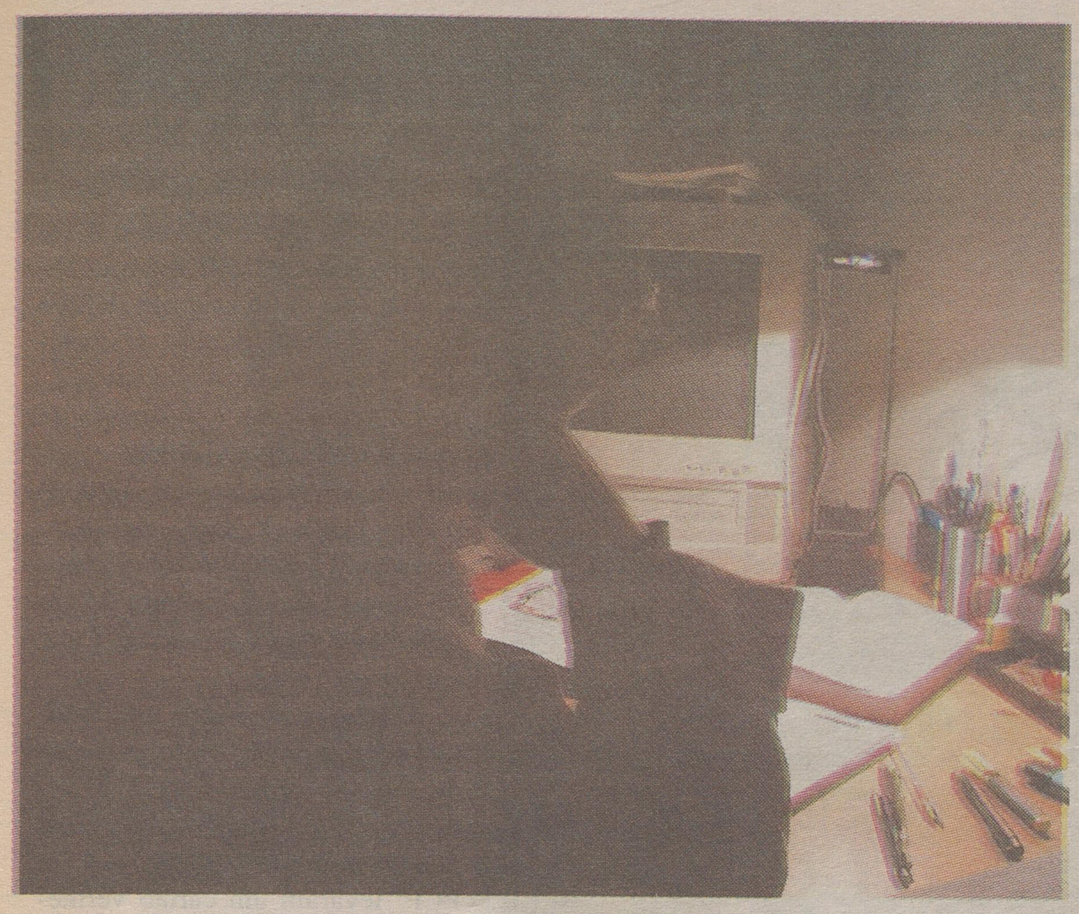
No local fetiche da pseudo–intelectualidade coimbrã, o famoso Tropical, as mesas espelham uma leveza estranha. Entre as chávenas semi–cheias e os pacotes de açúcar violados, entre o jornal de hoje e o exame de amanhã, faço uma pausa... Só mais uma... A última.

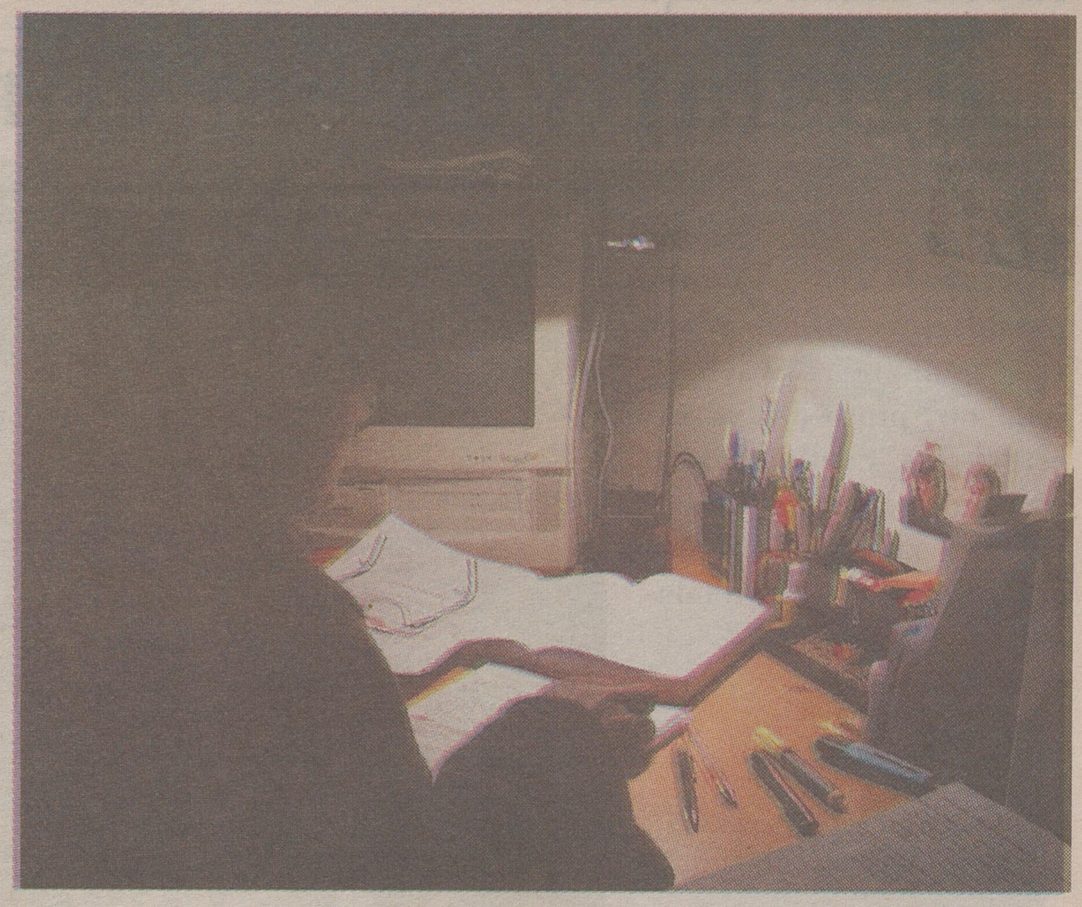
Entretanto, um nervoso miudinho começa a atacar–me. Preciso, impreterivelmente, de estudar. Tomada a dose mínima diária de cafeína e com os poros já satisfeitos da relaxante nicotina, levanto–me. O destino é agora a sala de estudo da Associação Académica de Coimbra (AAC). Quero estudar! Preciso de estudar...

Porém, ainda não é desta. A sala está a abarrotar, cheia de canetas frenéticas, de gentes compenetradas, de valorosos estudantes. Mudança de planos: certamente que, na imponência despojada da Biblioteca Geral, haverá uma cadeira vazia com a minha sentença escrita...



Texto: Emanuel Graça
Fotografia: Jorge Nande





O tempo voou. Acima de tudo, rendeu. A noite já se instalou na Lusa Atenas e com ela veio a chuva. As luzes amareladas aquecem a noite fria e o trânsito flui normalmente. Solitário e alheio a tudo isto, o D. Dinis continua firme e vigilante no seu posto. As monumentais, vazias e tristes, exalam um odor a humidade.

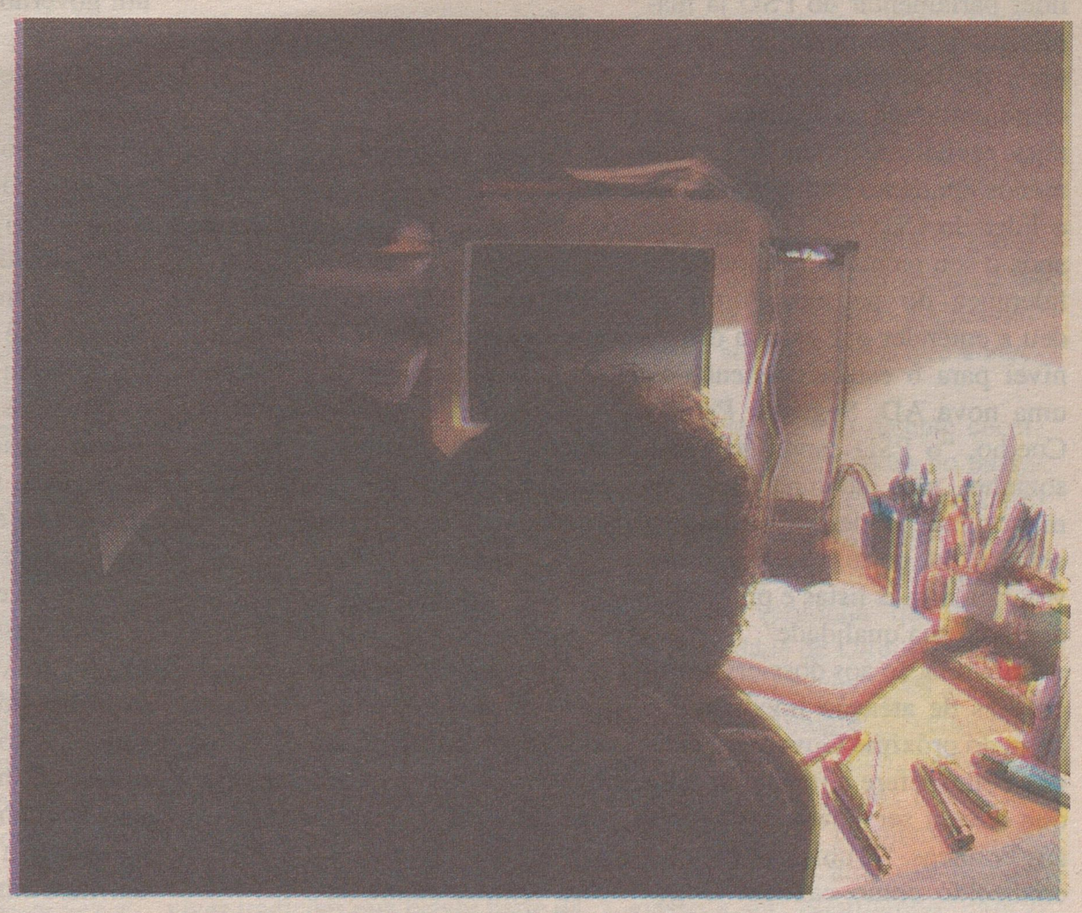
Após o jantar, mais uma vez no ambiente surreal das cantinas, renovo a minha dose de cafeína. Agora no bar da AAC. Apesar das caras familiares e da boa disposição reinante, a música, bastantes décibeis acima e de qualidade duvidosa, agride uma mente já debilitada e não convida a ficar. Dirijo–me antes aos grelhados, agora metamorfoseados em sala de estudo "ad–hoc". Não antes sem trocar dois dedos de conversa com a máquina do tabaco.

Apesar do esforço, lá consigo arranjar um cantinho para prosseguir o meu estudo. Livros escancarados, cadernos abertos, só falta a concentração. Entre suspiros e desespero, debruço–me novamente sobre essa árdua tarefa. Cada vez mais depressa, o tempo flui alucinante, diria eu quase dilacerante. O exame é já amanhã! Temas, tópicos, conceitos, exercícios, esquemas, resumos, faço a derradeira revisão da matéria. A insanidade começa a conquistar–me! Tanto para ler, tão pouco tempo...AHHHHHHH!!!!!!!

Lá fora, a chuva continua, monocordicamente, indiferente aos meus problemas...

Após duas duras horas, decido ir–me embora. A lua já vai alta e pouco mais posso fazer. Ainda assim, não me rendo. Já em casa, acompanhado de uma dose industrial de chá, volto à carga! Cavaleiro andante de reluzente armadura, empunho a minha caneta e, montado na minha ilusão, percorro as derradeiras linhas... Até que sono finalmente me vence...





Trimmm!!!

Oito da manhã! A cabeça, ainda a andar à roda, levanta–se rapidamente da almofada. Num solavanco, ponho–me fora da cama e tomo um duche. Frio. Muito frio, para ver se acordo. Ainda a tremer, saio para a rua. O exame é às nove e meia e ainda tenho de apanhar o autocarro. De caminho, passo pela pastelaria da esquina e engulo um último café e meio mil–folhas. Já na faculdade, aproximo–me do campo de batalha. Já é demasiado tarde para incertezas e prefiro enverdar pela autoconfiança. Shallom! Sou um ser de paz e domino a matéria!

A chamada começa. Letra a letra, nome a nome, a sentença está prestes a ser anunciada. Estou nervoso mas dou o passo em frente. Na sala, acomodado na cadeira dura e debruçado sobre a mesa fria, espero pelo exame. O professor, de bigode farfalhudo, barriga proeminente e ar aluado, sorri. O mote está lançado, os actores em posição: venha o exame!

Com o enunciado na frente, procuro o mínimo referente de ligação entre aquilo que sei (ou pensava saber) e aquilo que me é questionado. Um vazio... Um imenso vazio...

Pânico! Horror! Tragédia!!!!

Porém, fugaz, certeira, quase divina, chega a solução: "Declaro que desisto".

Partidos afinam a máquina

Legislativas em contagem decrescente

A cerca de dois meses das eleições antecipadas de 17 de Março, os vários partidos preparam–se para o "embate". A CABRA indagou, junto das várias estruturas partidárias, o ponto de situação. Embora com algumas diferenças, os trabalhos revelam–se encaminhados.

Mário Guerreiro



As próximas eleições legislativas encontam-se marcadas para o dia 17 de Março

PSD - "Somos a alternativa viável."

Quando questionado sobre o estado de espírito do partido, Paulo Pereira Coelho, presidente da distrital de Coimbra do PSD, sublinha que " face aos resultados das últimas eleições legislativas, e à situação em que se encontra o país, da total responsabilidade do PS, somos a única alternativa viável". Essa opinião decorre, segundo o mesmo, da "confiança no povo português, que saberá distinguir entre as nossas propostas credíveis e a continuação das políticas desastrosas deste governo socialista".

A eventualidade de uma nova AD entre PSD e CDS/PP é vulgarmente mencionada quando se aproximam eleições legilativas. As de 17 de Março não escapam à regra. Manuela Ferreira Leite, líder parlamentar do PSD já manifestou publicamente na Assembleia de República (AR) a não disponibilidade do partido para uma revitalização da AD, pelo menos enquanto Paulo Portas for o líder do CDS/PP. Por sua vez, após o seu reencaminhamento na liderança do partido, Portas já deu a entender que estaria disponível para o estabelecimento de uma nova AD. Segundo Pereira Coelho, "o PSD candidatar–se-á sozinho, mas acompanhado de muitos independentes". E acrescenta, "os portugueses saberão votar na nossas listas e propostas, devido á sua qualidade".

Em relação aos dossiers merecedores de atenção imediata por parte do próximo Governo, Pereira Coelho refere a imediatez com que devem ser lidadas as Finanças Públicas. "È um dossier já reconhecido como caótico. O governo PS deixou o País á beira da bancarrota. Após a aprovação do último orçamento "limiano", há bem pouco tempo, o próprio Pina Moura já veio dizer que este não serve para nada e que será necessário outro orçamento", afirma. Ainda nas palavras de Pereira Coelho, a solução para esta área "só poderá ser posta em prática após o levantamento da real situação das Finanças Públicas. "Pôr Portugal de volta no caminho certo, isso implicará muita arte e engenho". O Presidente da Distrital de Coimbra remata esta ideia, destacando "que é necessária urgência para tirar o País desta situação calamitosa".

O cabeça da lista de deputados pelo círculo distrital do PSD será Dias Loureiro.

PCP - "Temos propostas diferentes"

Mário Nogueira é o número um da lista da CDU, que engloba o PCP e o PEV pelo distrito de Coimbra. Segundo o candidato a deputado , as expectativas são grandes, até "porque desde há onze anos a esta parte, a CDU tem vindo a crescer eleitoralmente no distrito em legislativas, e nas últimas legislativas foi mesmo a única força política a crescer".

O objectivo imediato é "eleger um deputado pelo distrito de Coimbra". Para Nogueira, este será mesmo um desafio aos cidadãos do distrito, pois "vale mais eleger o primeiro da lista da CDU, do que o quinto ou sexto das listas de PS e PSD, e acreditamos que as pessoas também têm vontade de mudar".

A nível nacional, Nogueira considera importante realçar que "o Governo está em funções há apenas seis anos e no entanto já foipenalizado de tal forma que se teve demitir. Sendo assim, estando as pessoas insatisfeitas, não nos parece que a altenativa seja ir votar naqueles que há seis anos também lá tinham estado e tinham sido postos for a".

O candidato a deputado considera também que "o País só poderá evoluir e sair do marasmo", com o voto na CDU, pois "temos de facto propostas diferentes importantes" com vista à resolução dos problemas.

No que diz respeito aos termos em que um novo Governo será eleito, a CDU espera que das eleições de 17 de Março não saia um governo de maioria absoluta. Mário Nogueira afirma ser de "todo o interesse para o país que o Governo não seja de maioria absoluta, pois esta acarreta vícios perigosos de poder, criando em volta do partido no poder clientelas de que dificilmente este se livrará". A maior prova, no nosso país, de que os governos de maioria absoluta não resultam, foram os governos de PSD. Por isso, segundo o candidato, os governos de maioria relativa, por "obrigarem a um diálogo e negociação com a oposição são mais positivos que os de maioria absoluta".

Um possível acordo ou coligação de esquerda entre PS e PCP tem sido propaladamente referido. Nogueira vê com bons olhos tal hipótese, mas afirma que "não chega dizer–se que se é de esquerda para se ser de esquerda, mas sim ter políticas de esquerda, o que não aconteceu com o PS. Em jeito de conclusão, Nogueira adianta que, como já foi referido pelo secretário–geral do PCP, Carlos Carvalhas, "se for um projecto de esquerda apostado na solidariedade, na igualdade e na justiça social a CDU estará disposta a envolover–se".

Os dossiers que necessitam de urgente tratamento por parte de um novo governo são, segundo o candidato da CDU, as "questões do trabalho, que tanto atingem a população de Coimbra, da saúde, e da reforma fiscal". De acordo com o candidato, "os trabalhadores em Coimbra estão a ser remetidas para o desmprego e para situações de emprego precário devido a negócios chorudos que envolvem falências e interesses imobiliários". Em relação à questão da saúde, "é necessário proceder–se a uma urgente reforma do Sistema Nacional de Saúde (SNS)", refere Nogueira. Acrescenta igualmente que uma das soluções para a situação económica do país terá de passar obrigatoriamente por uma reforma fiscal, "que não permita a quem tem maiores rendimentos continuar a evadir–se à tributação de impostos".

Numa altura em que são referidas cisões no seio do PCP, Nogueira salienta que a sua candidatura foi "alvo de grande debate no distrito, mas de igual consenso".

BE - "Podemos trazer algo de novo ao país"

O Bloco de Esquerda parte para estas eleições "com o objectivo de continuar a fazer parte de uma oposição actuante e efectiva capaz de tomar medidas que sejam benéficas para o país". È pelo menos esta a opinião expressa por António Marinho, uma das figuras bloquistas em Coimbra. Para tal, "o bloco espera manter os seus dois deputados eleitos por Lisboa, e talvez eleger mais um por Setúbal e Porto, não descendo abaixo dos cerca de 3%" do eleitorado conquistado nas últimas eleições.

António Marinho espera igualmente que o Governo a ser eleito não o seja com maioria absoluta, "pois esta acarreta sempre perda de diálogo com a oposição". Por seu lado, a maioria relativa "proporciona a discussão de outras alternativas, donde eventualmente pode resultar algo de melhor para o país". Marinho acrescenta ainda que "uma maioria relativa será a maneira de garantir as conquistas sociais a que o bloco se propõe".

Questionado sobre um eventual entendimento entre as forças de esquerda em Portugal, Marinho considera importante referir que "nas últimas eleições o PS e PCP levaram um cartão vermelho, e devemos entender isso como a vontade das pessoas ouvirem propostas novas". António Marinho é da opinião que o bloco não deverá pois aliar–se a forças que tão fortemente foram penalizadas, "até porque as nossas propostas são diferentes". Adianta, contudo que "é necesário discutir–se abertamente a razão da perda de influência da esquerda e daí tirar ilações".

Para o Bloco de Esquerda a Reforma Fiscal continuará a ser um dos seus dossiers mais importantes, ao lado da Reforma da Admnistração Pública e do SNS.

PS - "Estamos confiantes"

O PS, actualmente no poder, apresenta–se "confiante nestas eleições, liderado por Ferro Rodrigues, um dos ministos mais populares e prestigiados deste período governativo". É esta a opinião expressa por Luís Parreirão, líder da distrital do PS.

Para Parreirão, "não faz sentido falar–se de uma coligação sem sabermos ainda como vai ser o panorama parlamentar", e portanto "o PS apresentar–se-á com os seus candidatos e programa e confiante nas suas relações de muitos anos com os portugueses".

O líder da distrital socialista considera "não ser com medidas avulsas anunciadas dia–a–dia como Durão Barroso tem feito que se governa o país, mas sim com ideias globais e estratégicas", remetendo no entanto para Ferro Rodrigues considerações sobre as mais urgentes áreas.

A lista de deputados pelo círculo distrital de Coimbra do PS será elaborada dia 29, sendo provável a candidatura de Manuel Alegre com cabeça de lista.

NR: O Jornal Universitário A CABRA, apesar de o ter tentado por várias ocasiões, não conseguiu obter declarações da parte do CDS-PP.

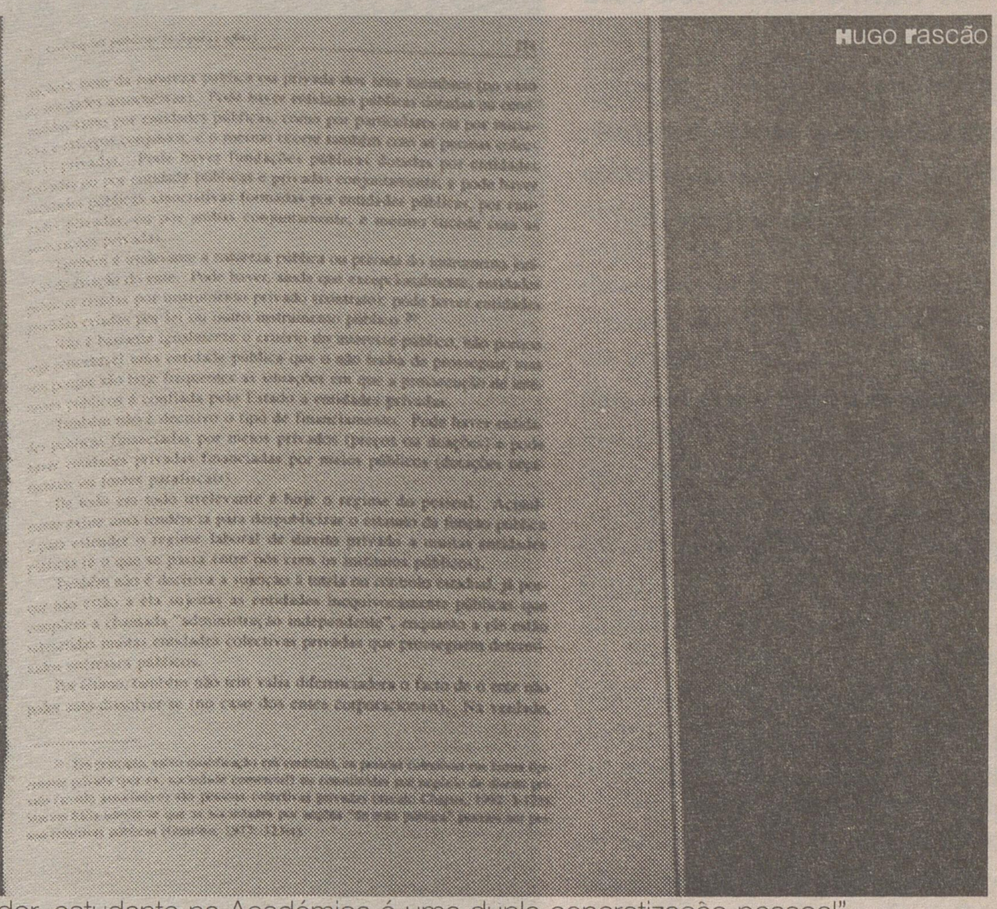
Camilo, jogador da "Briosa" e estudante de Direito

Entre o relvado e a faculdade

Camilo é um dos jogadores da Académica que, teimosamente, mantem viva a tradição que há muito é uma das imagens de marca da "Briosa": ser jogador e, ao mesmo tempo, estudante. A CABRA foi passar um dia com ele.

Carlos Pinto





Hugo Rascão

Camilo, estudante de Direito e jogador da AAC/OAF: "Ser jogador–estudante na Académica é uma dupla concretizaçao pessoal"

Os estudantes são o grande símbolo humano da cidade de Coimbra. Vindos de outras paragens, de norte a sul do país, rapidamente as "capas negras" entram no quotidiano destes, como uma segunda pele que jamais será arrancada ou perdida.

A juntar ao amor nutrido pela Universidade e por Coimbra, os estudantes deixam–na com uma outra paixão: a "Briosa", que espalha pelos relvados de Portugal a magia e o sentimento da cidade.

Ao longo dos anos, a Académica habituou as pessoas a ter nas suas fileiras estudantes da Universidade o que, com o passar dos anos e a profissionalização a invadir o "mundo da bola", começou a verificar–se cada vez menos. Surgiram os primeiros estrangeiros a jogar pelo clube e os estudantes na equipa eram cada vez menos.

No entanto, e como em tudo na vida, há tradições que ainda são como eram no antigamente. E na "Briosa" continuam a haver jogadores–estudantes a integrar o grupo de trabalho da equipa profissional de futebol, sendo eles quem carrega o "pesado fardo" que é transmitir a mística da "capa e batina" aos outros elementos do plantel. Camilo é um desses atletas, tal como o são Paulo Adriano, Rocha ou o avançado moçambicano Dário, entre outros.

"Filho" da cidade, o longilíneo defesa é, sem dúvida alguma, um dos símbolos desta equipa que actualmente lidera a II Liga do futebol português. Sem ser dos mais tecnicistas do plantel, Camilo - prestes a cumprir o seu 32º aniversário- compensa essas lacunas com toda a sua entrega e dedicação ao emblema que defende. "Jogar na Académica era um sonho de criança e por isso sinto–me um privilegiado", reconhece o atleta que em 15 anos de actividade desportiva só por quatro épocas não envergou o jérsei dos "estudantes" - esteve então no Algarve, ao serviço do Farense.

Estudante de Direito - vai no terceiro ano-, Camilo tenta, com algum esforço suplementar, conciliar as exigências inerentes à vida de um futebolista profissional com o estudo do Código Civil, o que nem sempre é fácil. "Às vezes torna–se mesmo muito complicado mas lá vou conseguindo", revela, acrescentando que ser jogador–estudante na Académica é uma "dupla concretização pessoal".

Treinos e muito descanso

O dia de Camilo começa bem cedo, entre as oito e nove horas da manhã. Depois de um sono regenerador, um bem composto pequeno–almoço e uma espreitadela às notícias que fazem manchete nas capas dos jornais, o jogador desloca–se até ao estádio universitário para o primeiro treino do dia.

Equipados a rigor devido ao frio que se faz sentir na "Lusa Atenas", o plantel começa por dar voltas ao campo em passo de corrida muito ligeiro e amena cavaqueira. "O ambiente no plantel é excelente e os atletas que vêm de novo identificam–se rapidamente com o clube, com a cidade, com a própria região, e isso é muito, muito bom", realça.

E como reagem os outros atletas que não são estudantes? "Damo–nos todos muito bem e quem vem para cá só para jogar futebol sente uma grande admiração e respeito pelos colegas que também estudam", explica, acrescentando que existem mesmo alguns casos de jogadores que tinham posto os estudos de parte tendo decidido retomá–los quando chegaram a Coimbra.

Depois de duas horas de apronto físico, onde a bola não chegou a ser vista, Camilo regressa a casa para almoçar. Após isso descansa um pouco e prepara as coisas para o segundo treino do dia. "Se só houvesse uma sessão iria concerteza às aulas mas assim não é possível", adianta. "O que vale é dar–me bastante bem com os meus colegas, que depois me facultam os seus apontamentos de modo a que eu consiga acompanhar, minimamente, o que está ser tratado nas aulas".

Para além da matéria que vai sendo dada ao longo das aulas, as conversas entre Camilo e os seus colegas de curso acabam também por incidir, em grande parte, no percurso da Académica no campeonato. "É normal que haja alguma curiosidade em saber como vão as coisas, se está tudo a correr bem, enfim, nada de mais", confessa o atleta.

E por parte dos professores, inquirimos nós, como é a relação? Há algum tipo de favorecimento? "Não, nada disso, tratam–me como um qualquer trabalhador–estudante: nem melhor nem pior", responde de forma categórica.

Chega a hora de preparar as coisas e ir para a segunda sessão do dia. O treino realiza–se agora no campo da Escola Superior Agrária de Coimbra e desta vez a "redondinha" já marca presença.

Hora e meia depois é altura de recolher ao balneário. O treino findou ao mesmo tempo que surge no céu os primeiros indícios da noite. Duche tomado, é altura de Camilo fazer–se à estrada de regresso a casa, na Quinta da Boavista, junto à Escola de Hotelaria. De caminho passa pela escola onde o seu filho Tiago, de oito anos, estuda e regressam ambos a casa..

Até chegar a hora do jantar, o atleta aproveita para descansar um pouco enquanto, de comando na mão, vai vendo o que dá nos vários canais televisivos. Após o jantar a rotina é quase sempre a mesma: alguma televisão, um ou outro jornal - desportivos, Jornal de Negócios, O Independente, Expresso- e, "caso o dia não tenha sido assim tão cansativo", estuda um pouco para se manter actualizado.

No entanto, nem só de futebol e do estudo vive Camilo. "Nos poucos tempos livres que tenho - férias ou épocas mortas entre frequências e exames- gosto muito de ir ao cinema e de ler o meu livro de cabeceira", revela o atleta que actualmente se encontra a ler a biografia do empresário Belmiro de Azevedo. "É uma pessoa que admiro bastante e que provou que se pode subir na vida".

O dia chegou ao fim. Foi um dia cansativo, igual a tantos outros na vida de Camilo, futebolista da "Briosa" e, simultaneamente, estudante de Direito. Um jogador–estudante que "teima" em manter vivas tradições que fazem parte da história e carisma da Académica.

"Vamos subir"

A subida à I Liga é, assumidamente, o objectivo principal para a Académica. Habituado aos palcos principais do país, há muito que a cidade de Coimbra espera reviver tempos passados mas que continuam bem vivos nas memórias dos sócios.

Camilo tem consciência do que lhes é exigido pelos associados da "Briosa" e está bastante confiante quanto ao que falta de campeonato. "Assumimos o nosso objectivo - que passa pela promoção à I Liga- e penso que, por enquanto, estamos a cumprir e vamos conseguir subir", afirma confiante.

"Ao lado dos estudantes"

Como estudante que é, Camilo não deixa de estar atento a tudo o que diz respeito à Universidade e aos problemas que a afectam.

Em relação ao recente encerramento das faculdades no passado mês de Dezembro, Camilo manifestou–se solidário com os seus colegas, não deixando de realçar a "vergonha" que se passa na Faculdade de Direito, onde estuda. "Não há condições", afirma peremptoriamente enquanto acrescenta que não participou mais activamente nas manifestações para evitar problemas. "Não queria que o 'Camilo–estudante' viesse a ser 'confundido' com o 'Camilo–atleta'".

Centro de Informática da Associação Académica de Coimbra

Cursos de Informática:
Windows_2000
Word_2000
Excel_2000
FilemakerPro

2_salas_de_PC's_com_internet
scanner_impressora_a_cores
dias_úteis_10-19h

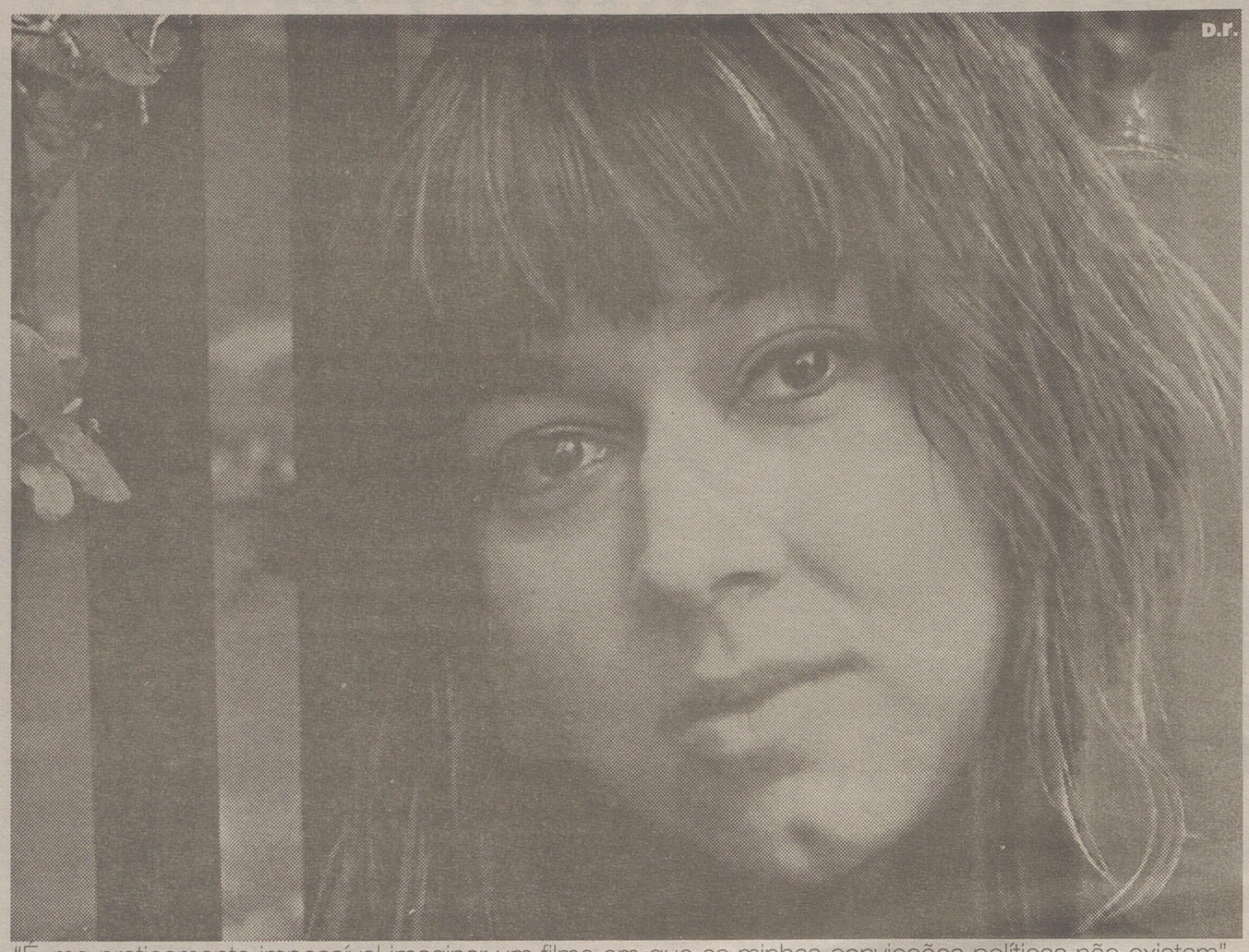
Os cursos terão início a 28 de Janeiro de 2002, para mais informações contacte-nos no segundo piso da AAC das 14.30h às 19h ou pelo telefone 239 410419

Entrevista a Raquel Freire

"O cinema é uma mulher"

A Cabra conversou com a cineasta sobre as suas opiniões, medos e anseios em relação a tudo um pouco, desde a praxe académica até à política nacional.

Jorge Nande
Maria João Lopes


D.r.

"É–me praticamente impossível imaginar um filme em que as minhas convicções políticas não existam"

Nada como começar o novo ano a recolher os estilhaços, agora mais frios, da recente explosão nas telas coimbrãs. Depois das polémicas, vem a Raquel. É tempo de lhe rasgar o véu, no passado e no presente, enquanto estudante de Coimbra e realizadora. De tesouras pousadas e gravadores em punho , a Cabra rumou para Lisboa. Última estação: Raquel Freire.

Como foi a tua passagem por Direito?

Fui para Coimbra estudar Direito, não porque achasse que ia ser juíza ou advogada. Apesar de ter tido formação artística no liceu, era muito complicado convencer os meus pais de que seguiria um curso artistico superior. Os valores deles, embora de esquerda, eram sólidos e tradicionais. Tudo o que ganhas é esforço do teu trabalho, tens de ser realista e ter os pés assentes no chão. A arte é muito importante e muito boa, mas é para os outros. Os meus pais, que estudaram e se conheceram em Coimbra, falaram–me da cidade como sendo um local de liberdade, de juventude, onde tudo era possível.

Essa ideia correspondeu à realidade?

Nos primeiros anos, sim. Coimbra vive realmente para os estudantes. Estás fora de casa e é a altura da tua explosão como pessoa e da criação da tua identidade, de marcares o teu caminho do ponto de vista afectivo e sexual com uma liberdade máxima. Não tens de estar oito horas por dia num trabalho de merda para estar mais três no trânsito... Há uma leveza muito grande, é um privilégio poder ter 18 anos e viver naquele mundo encantado. Mas também há desilusões, que vieram mais tarde. É o confronto com a realidade, é o que tu fazes com essa liberdade. Coimbra é mesmo um Portugal dos Pequeninos: até há um poder, até eleges directamente o teu presidente. E o que fazes com esse poder? Uma coisa é quando tudo corre bem; quando corre mal, começam as traições. Depois há a questão dos limites a essa liberdade máxima: o que é isto de no fim do século XX não poder haver uma tuna feminina? O que é a praxe, uma lei divina? Não, é uma convenção feita por uns poucos homens que decidiram escrever um código ao qual milhares de outros se têm de se submeter. Porquê? Submetem–se se quiserem; se não quiserem, não. Depois há a camada mais subtil de tudo isto, que é o estatuto do estudante de Coimbra. É um privilégio fazer parte dessa elite.

"Coimbra é mesmo um Portugal dos Pequeninos: até há um poder, até eleges directamente o teu presidente. E o que fazes com esse poder?"

"Nunca me declarei antipraxe, apesar de ter sido sempre contra a praxe hierarquico–punitiva."

Achas que se tem consciência desse elitismo?

Há quem a tenha e quem não. Tive colegas que diziam que iam para o Governo a seguir. Um dizia que tinha crescido à sombra da Cabra e no último ano do curso já era deputado. Quando estava a enviar os convites para a ante–estreia do "Rasganço", havia imensos Secretários de Estado... Claro que também houve excepções, como o presidente da Direcção Geral (DG) de então, que, apesar de ter sido o mais assediado, recusou aceitar qualquer cargo político. Mas a maior parte cedeu muito facilmente às pressões do poder.

Qual é a tua relação com a praxe?

Nunca me declarei antipraxe, mas fui sempre contra a praxe hierarquico–punitiva. Usei capa e batina, mas mantive uma atitude crítica. Servia para as pessoas saberem que eu era estudante de Coimbra. Usei–as nas serenatas dos primeiros anos e depois quando, como membro da DG, ia representar a Associação Académica de Coimbra (AAC) em cerimónias oficiais.

Que impressões te ficaram da cadeira de História de Cinema Português?

Eu sempre tive uma paixão terrível pelo cinema, achava que era a síntese de todas as artes. E achava que era impossível viver como realizador de cinema em Portugal. E como o Fausto Cruchinho tem quase todos os filmes portugueses feitos até agora, eu vi que era realmente possível, que havia artistas, mesmo nos últimos 10 anos, que eram produtores de cinema e conseguiam manter uma produção quase contínua, com um filme a cada três, quatro anos.

Lugares secretos

Em que medida é que te consideras uma cineasta política?

O cinema é a forma mais radical de expressão política: tudo é possível.

Mas não fazes propriamente filmes de propaganda...

Os filmes de propaganda raramente têm piada. São sempre objectos artísticos muito académicos, sem conteúdo. Mas é–me praticamente impossível imaginar um filme em que as minhas convicções políticas não existam. Como também não me interessam muito, pelo menos neste momento, os filmes com demasiada psicologia interna, concebo as minhas personagens como ícones de um determinado estado social. Não são personagens–tipo clássicas, porque essas são uma grande chatice: as minhas têm vida interna, mas são imagens, são retratos de algo. Todos os actores, mesmo os secundários, tinham uma ou duas folhas com todo o "background" da personagem que encarnavam. Os pais, a orientação política, tudo.

Como vês a actual situação política em Portugal?

Eu vivo em Lisboa e não estou nada contente. Temo vir a ter um "Mundo VIP" em vez de uma agenda cultural... Não sei, ao fim e ao cabo, não deve haver muitos motivos de preocupação. Pedro Santana Lopes está visivelmente na Câmara para depois dar o pulo para o Governo. Por isso, tem de se portar bem. Mas o período em que ele foi Secretário de Estado da Cultura foi negro para o cinema, só os amigos dele faziam filmes... Teremos de esperar para ver. A nível nacional, acho que as pessoas têm a memoria muito curta. Tenho recebido telefonemas de amigos meus desesperados! Toda a gente sabe que o PSD é contra os subsídios ao cinema. Pessoalmente, não acho que seja assim tão desesperante: sempre aconteceu que, quanto mais terrível a sociedade, mais acutilante o objecto artístico. Mas seja lá quem for que suba ao poder em Março, vai receber um presente envenenado. Estamos em recessão e ninguém vai poder evitá–lo.

Como te enquadras dentro da nova geração de cineastas portugueses?

Quando fiz o "Rio Vermelho", estavam sempre a chamar–me para entrevistas acerca da chamada "Geração Curtas". Acho isso absolutamente ridículo, nós não temos rigorosamente nada a ver uns com os outros.

Mas há trabalhos de produção conjuntos...

Sim. Por exemplo, a minha produtora é com o Carlos Paiva. Mas o Sandro Aguillar, que tenta, de uma forma muito correcta, criar uma produção contínua de curtas–metragens com uma imagem de marca própria, não tem nada a ver com o Miguel Gomes, que tem uma personalidade tão forte que há–de fazer sempre o que quiser, por muitas voltas que o Sandro dê. Apesar dessa colaboração profissional e dos óbvios laços de amizade e de admiração mútua que nos unem, não existe uma identificação ou valores próprios de um grupo. Penso que as diferenças entre nós são a nossa riqueza. Mas isso também faz com que, com uma nova Lei do Cinema a chegar, não nos reunamos para discuti–la. E devíamos.

Há uma relação óbvia entre os teus filmes e os lugares onde viveste. Até que medida é que a assumes?

Eu acho que os meus filmes são sempre eu. É claro que estamos a falar de cinema de autor, e não de fazer umas encomendas, que obviamente devem corresponder ao que é encomendado. Também não falo de extremos como o Nanni Moretti ou o Woody Alllen: os filmes não são autobiográficos, pois não são a história da minha vida, mas são as minhas obsessões mais profundas e se calhar as coisas que me fascinam mais secretamente. O que acaba por ser um paradoxo, pois ponho–as em filme para todos verem (risos). Eu própria, como espectadora, acabo por não me interessar por certos realizadores cujo universo, apesar

muito bem transposto para o filme, não me seja apelativo.

Por exemplo?

O Sukorov. É engraçado, pois ao vivo é um homem muito bem-disposto. Mas parece que, em vez de sangue vermelho, corre-lhe nas veias água mineral...

Que universos cinematográficos te interessam? O dePaulo Rocha?

Interessa-me muito. Nunca me sentiria capaz de fazer um dos filmes dele, pois são muito pessoais. Mesmo quando escrevi o argumento d "A Raiz do Coração", tentei ser o mais mimética possível. Mas gosto também muito da Teresa Villaverde, do Manuel Mozos, ou de gente mais nova, como a Jeanne Waltz ou o Miguel Gomes. Depois há pessoas como o João César Monteiro, que admiro muito pela liberdade com que faz sempre exactamente o que quer, correndo todos os riscos e sem ter medo de nada, principalmente do ridículo, algo que mata logo qualquer criação. E também o Oliveira, que criou o ofício. Graças à perseverança dele, é possível agora dizer que se é realizador de cinema sem que as pessoas se riam tanto.



"Realizar é estar apaixonado: é a liberdade, a paixão e a adrenalina máximas, tal como a solidão extrema"

"Os meus filmes são as minhas obsessões mais profundas e se calhar as coisas que me fascinam mais secretamente."

"Os filmes são feitos de imagens e estas são paisagens afectivas que me ficam de coisas mais materiais, como a luz e os sítios. Eles têm de colocar questões, mas não de dar respostas."

Amor e óculos

O teu cinema é um cinema de intimidade?

É. Os filmes são feitos de imagens e estas são paisagens afectivas que me ficam de coisas mais materiais, como a luz e os sítios. Eles têm de colocar questões, mas não de dar respostas. Por isso, reflectem as minhas inquietações. Acho que um filme só pode ser útil aos outros pelo lado da ruptura.

Porquê?

Porque se vais ver um filme e sais exactamente como entraste, não vale a pena. O que me desagrada em autores como o Sukorov é exactamente o exagero nos artifícios formais e a quase ausência de conteúdo. Nunca mais me esqueci de o Paulo Rocha me ter dito que um bom filme pode ser como um bom par de óculos: depois de os pôres, passas a ver o mundo de uma forma diferente.

E no "Rasganço"? Há dois pares de óculos, os que os estudantes de Coimbra colocam e os que o resto das pessoas coloca?

Sim.São óculos completamente diferentes. A antestreia foi em Coimbra para que fossem os primeiros a vê-lo. Estava preparada para uma reacção adversa. Por isso é que fui responder a perguntas no fim. Fiquei com pena que não tivessem ido lá as pessoas que mais tinham criticado. O Conselho de Veteranos tinha visto o filme dois dias antes. Teve tempo para digerir até à antestreia, para a qual também fora convidado... O filme não é sobre a praxe nem sobre Coimbra. Fiz o filme para acreditar no amor.

É por isso que a marca feminina nele era tão vincada?

Eu concebi o Edgar como a projecção do amor de cada uma daquelas mulheres. Eu não sei o que é o amor, não sei se me apaixono por aquilo que a pessoa realmente é ou pela projecção que eu faço dela. Por isso é que me custa compreender, por exemplo, uma crítica que li ainda há pouco em que se dizia que ele é uma personagem desastrada. O Edgar não é desastrado, ele é assim mesmo! Não sei, talvez seja uma inteligência sensível que só as mulheres têm. Não é que a dos homens não seja sensível, mas é uma sensibilidade diferente.

Quando estavas a fazer o filme, tiveste consciência de que preparavas uma espécie de "Verdes Anos" de Coimbra?

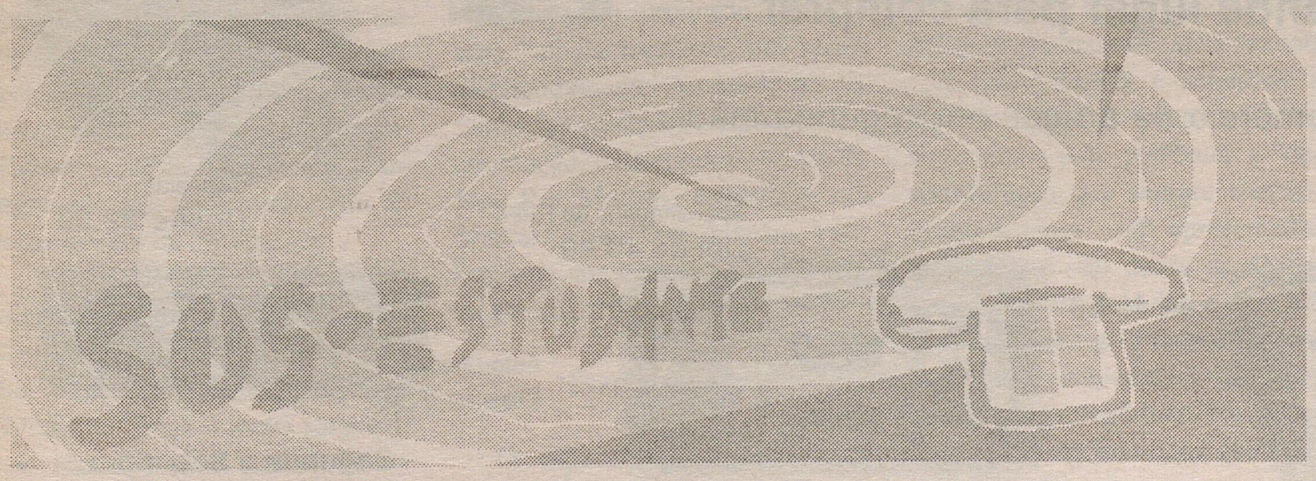
Tinha a noção de que queria filmar os verdes anos de uma série de personagens que eram estudantes de Coimbra.

Não achas que o filme retrata um conjunto de estudantes um pouco acrítico , sem consciência política, sem irreverência?

Mas esse lado está lá! A presidente da AAC mora numa república e é lésbica, alguém que funciona contra o poder estabelecido. Quis que as pessoas tivessem noção de que o estudante de Coimbra tem uma consciência política, de que Coimbra é um binómio: por um lado, tradicional, por outro, de esquerda. Para isso está lá a cena em que, numa república, ao mesmo tempo decorre uma festa e, na parte de fora, se está a julgar e a rapar um caloiro. Mas também é preciso ter em conta as limitações que se me puseram durante o filme. Por exemplo, eu gostava muito de ter filmado uma Assembleia Magna, mas não houve nenhuma durante as rodagens e eu não tinha dinheiro para tantos figurantes.

Decidiste fixar-te definitavamente na realização?

Realizar é como estar apaixonado: é a liberdade, a paixão e a adrenalina máximas, tal como a solidão extrema. Mas se me acontecer não poder financiar o meu próximo projecto, paciência: vou produzir. Não vou é, por exemplo, trabalhar para televisão para ganhar dinheiro. Eu quero é viver do cinema a todo o custo.



Linha SOS Estudante

808 200 204

Das 20h à 1h

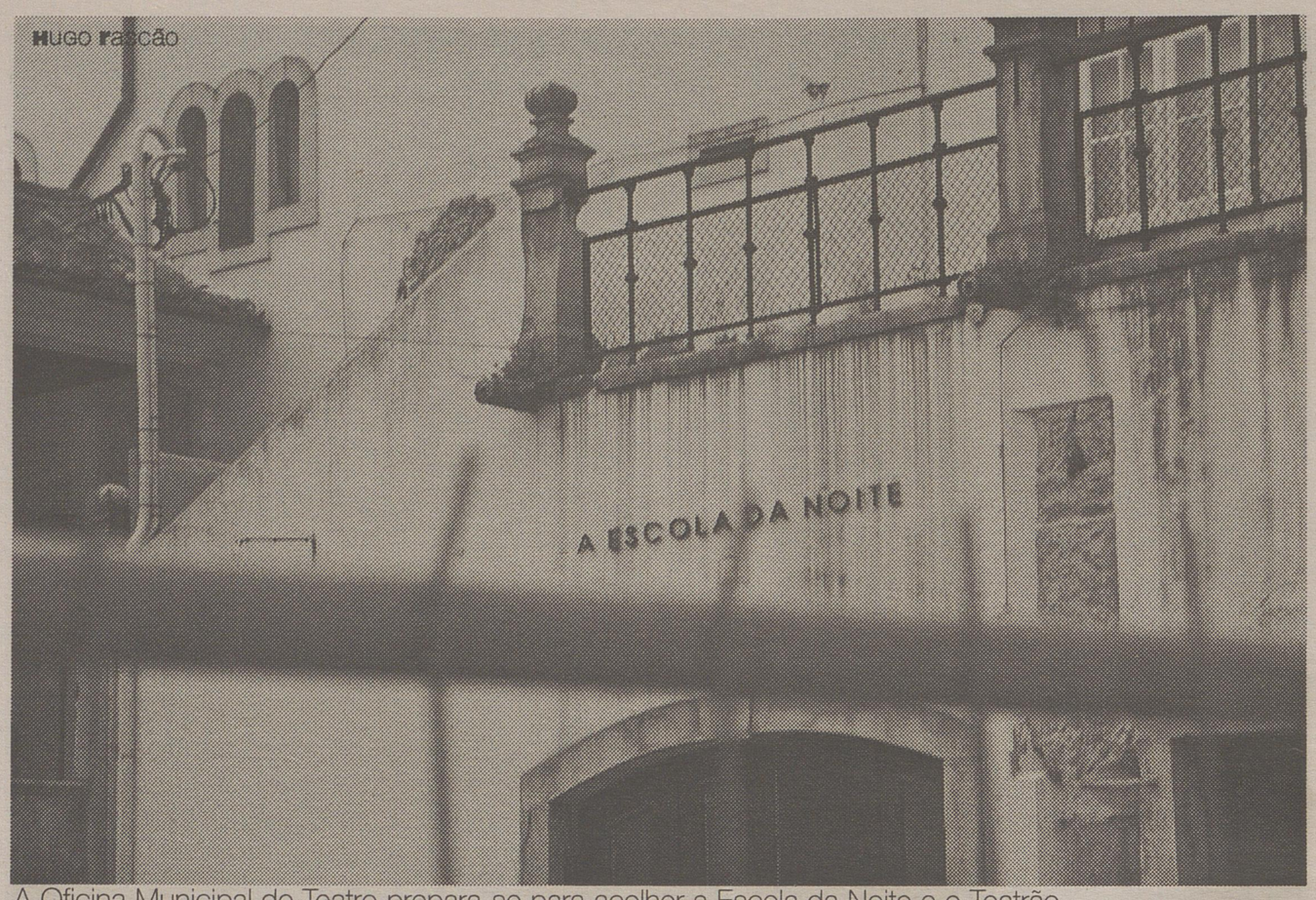
Preço de chamada local

Câmara incentiva cultura

Teatro em Oficina

A criação da Oficina Municipal de Teatro pretende colmatar uma lacuna cultural da cidade de Coimbra, oferecendo aos mais jovens um primeiro contacto com a arte teatral.

Liliana Guimarães
Paulo Nuno Vicente



A Oficina Municipal de Teatro prepara-se para acolher a Escola da Noite e o Teatrão

O projecto de implantação da Oficina Municipal de Teatro (OMT) num terreno situado na Quinta da Nora, junto à Casa Municipal da Protecção Civil, foi a solução encontrada pela Câmara Municipal de Coimbra como forma de responder à necessidade de resolução de alguns problemas com o acolhimento da Companhia de Teatro para a Infância de Coimbra - Teatrão, bem como, numa fase inicial, da Companhia de Teatro - A Escola da Noite. Porém, a iniciativa está longe de ser consensual.

O Teatrão iniciou as suas actividades no Instituto Português da Juventude, num auditório que foi preparado pela própria companhia mas que, devido às múltiplas solicitações do espaço, se tornou incapaz para responder de forma adequada às necessidades desta instituição. Deparado com esta situação, que se arrastou ao longo de anos, onde a falta de um espaço próprio para ensaios constituiu um grande entrave, o Teatrão optou por apresentar um projecto de criação de um local apropriado ao pleno desenvolvimento do seu trabalho. O projecto foi aprovado pelo anterior executivo municipal, paralelamente com um protocolo que estabelece os termos de cedência e utilização daquele equipamento cultural. A sua gestão foi entregue ao Teatrão, que se propõe a transformar o espaço «num centro de artes e espectáculo para a infância e a juventude», como refere o presidente da Direcção do Teatrão, Deolindo Leal Pessoa.

"Ligar este espaço a outras artes"

Dentro dos projectos do Teatrão, salienta-se a intenção de «criar oficinas em que os jovens possam fazer a sua iniciação nas artes do espectáculo» e, numa fase mais avançada, «ligar este espaço a outras artes, primeiramente à música e a médio prazo à dança».

No contrato de gestão da OMT, celebrado entre a Câmara Municipal de Coimbra e o Teatrão, no dia 4 de Julho do ano transacto, ficou consagrada a atribuição, a título gratuito por um período de dez anos, de uma parcela do terreno e de um subsídio no valor de 100 mil contos (cerca de 500 mil euros) para a aquisição e instalação de um equipamento pré-fabricado denominado «Oficina Municipal de Teatro». Este disporá de um corpo central para o desenvolvimento de actividades teatrais propriamente ditas, e dois corpos laterais destinados a actividades administrativas e a actividades para os artistas e público.

Às necessidades do Teatrão juntaram-se as d'A Escola da Noite, que ficou sem tecto devido às obras que decorrem no Pátio da Inquisição para a construção do Colégio das Artes, pelo que logo se acordou a instalação provisória desta companhia conimbricense de importância nacional.

A partilha do espaço da Oficina entre o Teatrão, A Escola da Noite e ainda alguns grupos de teatro, entretanto constituídos e que não possuam espaço de desenvolvimento do seu trabalho é, nas palavras de Deolindo Leal Pessoa, «viável, mas põe vários problemas».

Se, no que toca às contingências administrativas, a OMT pode encontrar condições para sobreviver, quanto à partilha do espaço para fins práticos, como ensaios e apresentação de espectáculos, esta constituirá um desafio para as companhias teatrais que ali encontrem uma forma de responder aos seus anseios legítimos de um espaço funcional e estável. Segundo o Teatrão, esta situação «é uma questão temporária, meramente conjuntural, porque a partir da altura em que acabem as obras no Pátio da Inquisição, a Escola da Noite passa a ter, de novo, lá o seu espaço e nós o nosso».

Prevê-se que, até ao final de Novembro de 2002, as instalações da OMT estejam concluídas, o Teatrão perfeitamente instalado e A Escola da Noite provisoriamente acomodada nesta infraestrutura camarária de incentivo à cultura e às artes consagradas aos mais jovens.

PUB

Máquinas Fotográficas
Desde 2.50

Óculos de sol
Desde 4.99

CATCH™
CONVERTERS
COMPRAMOS VENDEMOS TROCAMOS

Televisores
Desde 4.50

COMPRAMOS NA HORA E A DINHEIRO

CD´s de música
Desde 2.50

A melhor forma de vender
Um grande lugar para comprar

Computadores
Desde 124.00

Líder mundial no comércio de artigos em segunda mão

Consolas
Desde 22.50

Aparelhagens de HI-FI
Desde 49.50

Fax
Desde 49.50

Rádios
Desde 2.45

Auto-rádios
Desde 7.50

Segunda a Sábado
das 10h00 às 19h30
(excepto feriados)

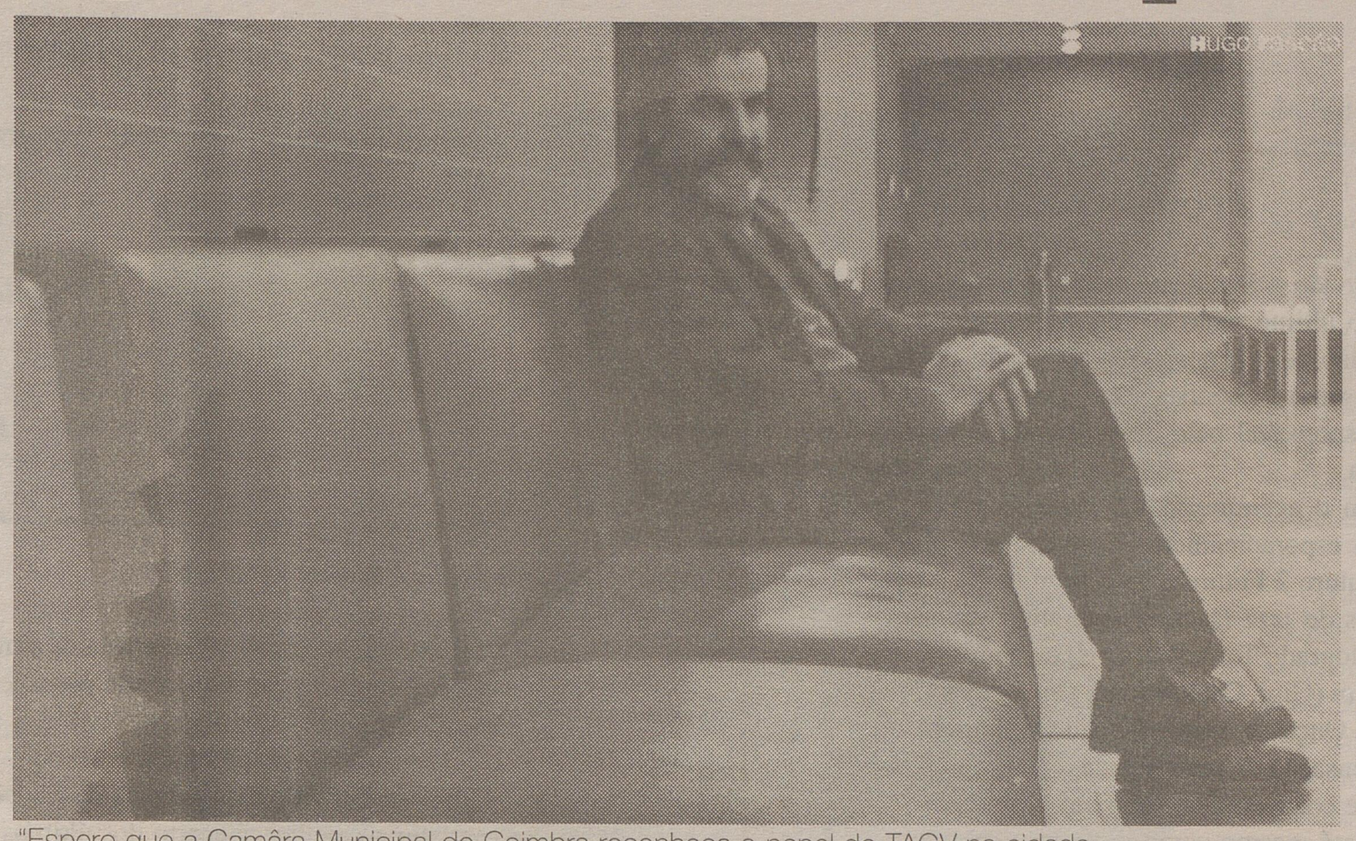
Rua Dr. António José de Almeida, 36Tel: 239 84 26 34/5 Fax: 239 84 26 36

Novo temporada, nova Programação no Teatro Académico de Gil Vicente

"Tudo depende da vontade política"

Apesar da incerteza que paira sobre as verbas para a cultura e educação, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) apresenta a sinopse do ano que se inicia.

Helena Marques


"Espero que a Camâra Municipal de Coimbra reconheça o papel do TAGV na cidade

Num ano em que Coimbra se empenha para se consagrar como Capital Nacional da Cultura (CNC) em 2003, em que se comemoram os 500 anos do Teatro em Portugal e os cortes orçamentais, o TAGV empreende esforços para proporcionar cultura à cidade de Coimbra.

As vicissitudes políticas e estruturais que a cidade de Coimbra atravessa, suscitam algumas incertezas no planeamento cultural a oferecer, "tudo depende da vontade política, e não apenas dos responsáveis pelos agentes culturais", afirma o director. O novo elenco camarário, a fragilidade governamental e o esboço apresentado de uma possível CNC para 2003, interrogam o director sobre qual o lugar que o Teatro ocupará neste cenário. No que refere à CNC a equipa tem grande interesse em cooperar nas actividades da comissão organizadora da CNC - como a comemoração dos 500 anos da primeira representação de uma peça de Gil Vicente - mas "francamente não sei" já que se "torna extremamente difícil trabalhar nestas circunstâncias."

Os eventos dos primeiros meses do ano estão já confirmados, no entanto, relativamente à programação a partir do mês de Setembro, João Maria André mostra–se vacilante e preocupado. Afirma lamentando, que espera reiniciar as negociações com o Ministério da Cultura e que a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) reconheça o papel do TAGV na cidade.

Contudo, e procurando dar continuidade ao trabalho iniciado pelo ex–director, traça as primeiras e difusas linhas dos primeiros meses da agenda cultural para o ano 2002.

Em palco

No mês de Fevereiro o TAGV irá ser novamente palco para um espectáculo de bailado e uma apresentação da Companhia de Teatro ACERT, de Tondela. A arte cinematográfica irá ter também lugar na agenda do Teatro, uma iniciativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a fim de prestar homenagem a António Pedro Vasconcelos.

Na primeira semana de Março o TAGV está reservado para acolher a Semana de Mostra Cultural da Universidade. Apresentará também um trabalho de um grupo novo do Porto "Ao Cabo Teatro" em colaboração com o Teatro D. Maria II. O Dia Mundial de Teatro será celebrado com a companhia de Coimbra "Escola da Noite". Na terceira semana deste mês o teatro abre mais uma vez as suas portas à companhia Ballet Gulbenkian.

Em Abril, o TAGV acolhe a nova peça do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC). Os Caminhos do Cinema Português,, organização dos Centros de Estudos Cinematográficos da AAC estarão, novamente em destaque na vida cultural da cidade. Outros dos pontos altos da programação será o "espectáculo ambicioso, prometedor preparado pela Tuna Académica da Universidade de Coimbra para comemorar o 25 de Abril". O Grupo Etnográfico e Folclórico da Academia de Coimbra (GEFAC) iniciará as suas Jornadas de Cultura popular - Fórum Territórios de Dança - e a reposição do espectáculo "Sete Luas".

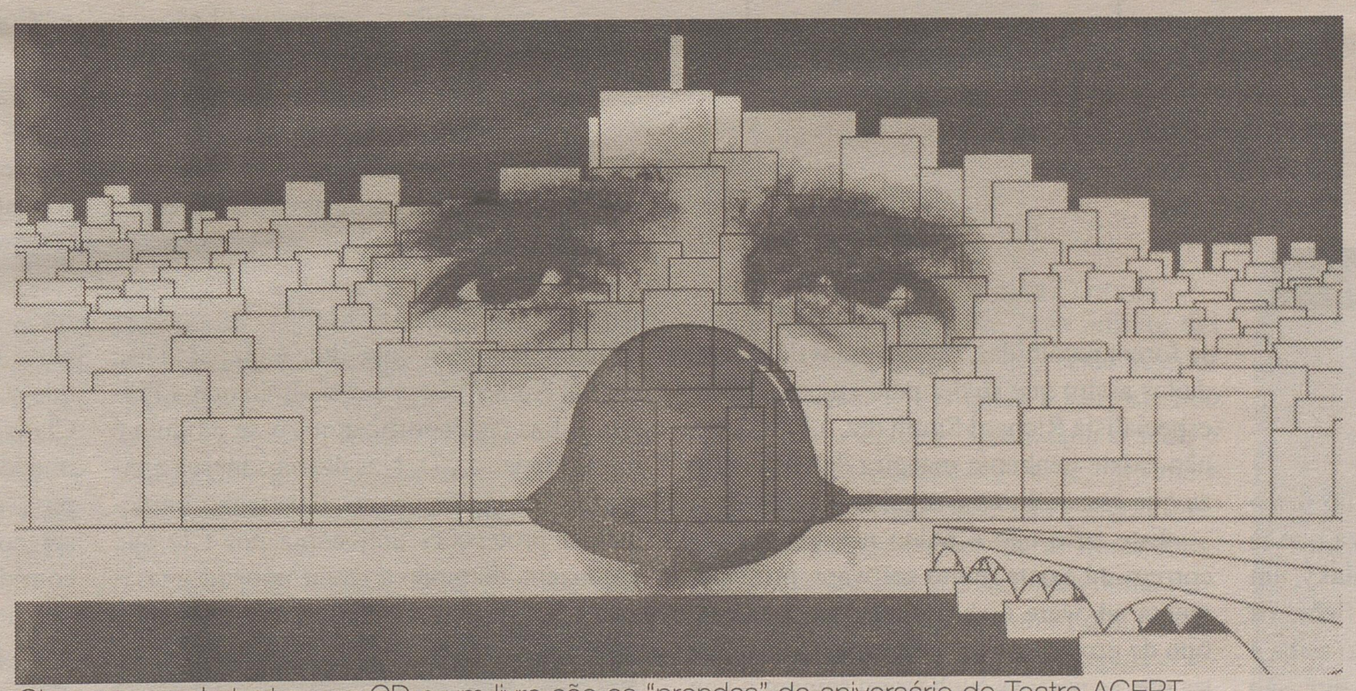
Os "Artistas Unidos" terão um destaque especial no prospecto cultural do TAGV no mês de Maio. Contudo neste mês, o TAGV, na sua condição de teatro académico, mantém a programação "bastante incerta e incompleta" devido à tradicional festa da Queima das Fitas.

Junho fará o epílogo das " Jornadas da Cultura Popular" do GEFAC. Outra das apresentações a não perder é conduzida pela companhia de teatro "Teatro da Rainha". A proposta musical do mês será novamente o Festival Internacional de Música de Coimbra, organização paralela entre o Teatro e a CMC.

Uma fábrica de sonhos e de teatro

O Trigo Limpo Teatro ACERT sopra este ano 25 velas. E para celebrar esta bonita idade, esta companhia de Tondela promove hoje o lançamento de um livro e de um CD, a par do visionamento de um filme comemorativo.

Helder Silva Dantas


Cinco peças de teatro, um CD e um livro são as "prendas" de aniversário do Teatro ACERT

As festividades começam às 18h00, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) com a publicação do livro intitulado "25 anos a Fabricar Sonhos" e a edição do CD "Soltar a Língua", baseado num espectáculo da companhia. Segundo os responsáveis, esta iniciativa, apenas uma das várias actividades preparadas para os próximos dias, constitui uma "homenagem ao público da cidade" e integra–se nas actividades dos 25 anos de vida da companhia.

Em vez de fechar as portas devido ao corte orçamental de 50%, decretado pelo Instituto Português das Artes e do Espectáculo (IPAE), o Trigo Limpo responde com teatro, e mais teatro. Assim, no próximo Sábado e Domingo, sobe ao palco do (TAGV) a peça "A Lua é Um Olho Preto". Numa adaptação livre do conto "Menino Perversa" (retirado do livro "Contos de Eva Luna"), de Isabel Allende, esta produção promete uma "magia narrativa, um teatro disfarçadamente escondido no desenho das situações e emoções". A encenação, da responsabilidade de José Rui Martins, estabelece um desafio: "jogar com ousadia, a sobriedade como a chave imaginativa do prazer".

Sexo em palco

O espectáculo seguinte faz uma proposta pouco usual: "Sexo? Sim, obrigado! Ou a Arte de Folgar!". Através do texto criado por Dario Fo e Franca Rame a partir de um irónico manual de terapia sexual escrito por seu filho Jacopo, as actrizes Maria Simões e Ilda Teixeira abordam os tabus sexuais com muito humor e seriedade à mistura. Nos dias quatro a seis de Fevereiro e para combater a "desinformação que sempre tem rodeado o tema", são apresentadas rábulas que vão desde as descobertas sexuais de Adão e Eva até ao mito do ponto G feminino, passando pela problemática da SIDA e da homossexualidade. Nas palavras de Franca Rame, há que falar desta matéria de uma maneira aberta, porque "a nossa sociedade não ensina a amar, nem com o corpo, nem com a alma. No espectáculo os sentimentos estão em primeiro plano".

A peça "Se chovesse, vocês estragavam–se todos", apresentada no dia cinco, desenvolve–se num "ambiente surrealista", onde um "pretenso liberalismo encobre novas relações de poder e de repressão". Inserida no contexto da ditadura militar no Brasil de 1964, a história segue o percurso de um aluno modelo da "Nova Escola", que apesar das suas dúvidas se subleva contra o sistema repressivo de então. Este é um espectáculo subtil e visualmente estimulante, adaptado da obra de Clovis Levi e Tania Pacheco. Apesar de ter sido escrito em 1974, estes dois autores acreditam na actualidade do texto, pois o "pensamento único que percorre o planeta, travestido de luzes, sons e cores, invade as nossas casas; determina as nossas vidas e sonhos; dissemina a descrença, a acomodação e o cinismo". Três grandes esculturas simbolizam a mãe, a avó e o avô deste aluno "modelo, mas pouco", interpretado por Pompeu José.

No dia seis, às 21h45, o Trigo Limpo vai "Soltar a Língua" com um espectáculo que procura "divulgar sentidos e sentires poéticos com teatralidade". Para os responsáveis deste projecto, agora editado num CD, o palco é um "espaço de partilha de distintas linguagens", onde se pode testemunhar o cruzamento de palavra e som, poesia e música, tingidos com tons de "inquietação inconformista".

Por último, o Trigo Limpo encena "uma visão satirizada da história mais recente de Portugal", inspirada na obra de António Lobo Antunes. Nos dias sete e oito deste mês, às 21h45, o público vai poder ver "Cadeiras" que conta a história de um grupo de "gaiatos" jovens que fazem desfilar no palco interpretações e/ou representações de alguns dos seus personagens. "Num jogo de poderes, como no jogo da cadeira", esta peça apresenta o elenco mais rico de todos estes espectáculos "limpos".



artes

O futuro é de todos

Rui Carriço

Muito poucos terão contribuído tão activamente para a construção da história da música popular do último meio século como Herbie Hancock. Com um inumerável filão de prémios pelos seus trabalhos (quase tantos quantos os seus discos) o pianista tocou com velhos mestres do jazz e foi também responsável pelo desbravar de várias correntes virgens na música negra.

Numa produção dividida com o aventureiro de longa data Bill Laswell (juntando–se–lhes ainda esporadicamente Carl Craig, Rob Swift e Gerald Simpson), em "Future 2 Future" convivem gerações distintas de músicos provenientes do jazz (Jack DeJohnette, Wayne Shorter, Charnett Moffett e o malogrado Tony Williams) e de inúmeras áreas que sempre o consumiram (Gigi, Chaka Khan, Dana Bryant, Grandmixer DXT e Imani Uzuri). Ouça–se, portanto, como o drum n' bass reconhece ao jazz alguma sensação de paternidade, como o hip–hop na sua vertente turntablist se coaduna nos preâmbulos estabelecidos pelo jazz dito acústico ou até mesmo como a electrónica ambiental se pode, uma vez mais, transformar no lubrificante necessário à fusão da ancestralidade étnica e palavras proferidas em jeito spoken word com as respectivas coordenadas jazzísticas.

Um considerável projecto com a nata de tantos músicos que torna o autor, diga–se em abono da verdade, no mínimo ambicioso quando assina o futuro em nome próprio.

Herbie Hancock

"Future 2 Future"
Transparent music (2001)





Caetano Veloso

"Noites do norte ao vivo"

Universal (2001)

"O certo é fazendo música"

Hugo Ferreira

Tal como o aclamado e recordista de vendas com direito a DVD "Prenda Minha" surge do concerto criado por Caetano para a promoção do disco "Livros", este "Noites do norte ao vivo" é o resultado da digressão que promoveu o seu último de originais.

Quem esteve presente na Praça da Canção no passado dia 10 de Outubro assistiu ao melhor concerto dos últimos tempos em Coimbra. Caetano Veloso entrou com a dupla de temas aparentemente desconhecidos "Two Naira fifty Kobo" e "Sugar Cane Fields Forever" e só depois começou a apresentar o seu último de originais que trazia na bagagem.

É inegável que essse "Noites No Norte" (um dos melhores discos da carreira de Caetano) havia–se revelado um fracasso de vendas a que não é alheia a situação de ter sido lançado na mesma altura em que "Prenda Minha" ainda vendia muito e o mercado era inundado com quatro ou cinco compilações anunciadas na TV e em exposição nos escaparates dos hipermercados....).

Não só se nota que os temas de "Noites do Norte" assumem ao vivo uma força completamente diferente (muito por culpa do grupo de percussão, de Jaques Morelenbaum no violoncelo e Davi Morais na guitarras) como os temas revisitados são deliciosamente reinventados ("Haiti", "Língua", "Gente" e "Tropicália" são apenas quatro dos pontos altos deste disco duplo).

Não faltam os sucedâneos do "sozinho" de "Prenda minha", na verdade " O último dos românticos", "Nosso estranho amor" ou "Como uma onda" arriscam–se a fazer o mesmo sucesso (se forem escolhidos para a banda sonora de uma qualquer novela).

Obviamente, "Magrelinha". "Trem das cores", "Samba de Verão" e "Menino do Rio" são pontos chaves no disco que, para ser perfeito, só tinha que incluir as versões de "Leãozinho" e "Coimbra" com que Caetano Veloso nos brindou em Outubro de 2001.

Na verdade, íam saindo compilações para o mercado e Caetano lançava um disco de originais difícil de digerir, as compilações continuam a vender e Caetano lança o seu mais eclético disco ao vivo, ... como ele próprio canta na faixa de abertura "O certo é ser gente linda e cantar ... o certo é fazendo música".



Nuno Curado

Segurança

Spyware

Se o leitor têm ficheiros MP3 no disco rígido do seu computador de certeza que já utilizou ou ouviu falar do Audio Galaxy, um programa que permite a partilha de ficheiros através da Internet. O que talvez não saiba é que um dos vários componentes que são instalados na sua máquina é o produto da empresa VX2. Claro que neste momento a pergunta que surge é: "Mas qual é a importância disso?". É que o componente instalado é spyware, um nome pomposo para uma aplicação de recolha de dados. O programa recolhe informações sobre os hábitos de navegação da Internet, faz aparecer janelas com publicidade e, possivelmente, também recolhe informações sobre os dados introduzidos nas páginas por onde se navegou. Essas informações são depois utilizadas para construir um perfil de hábitos de modo a que a publicidade distribuída pelo próprio programa seja a mais adequada ao utilizador. Claro que na política de segurança dessa empresa é dito que as informações sobre os cartões de crédito não são recolhidas ou se forem recolhidas, são retiradas da base de dados assim que se der pelo engano. Mas o especialista Richard Smith diz, à Wired, que não existe nenhuma maneira de ter a certeza que essa politica é seguida à risca.

Este caso não é único nos tempos que correm. Já existe muito software, principalmente ad–ware e shareware, que traz este tipo de programas em conjunto. O ideal seria que as pessoas soubessem sempre o que os vários componentes que estão a ser instalados no computador vão fazer, mas como isso é impossível o melhor é começar a utilizar programas que detectam spyware. Neste momento uns dos mais utilizados é o ad–aware, e não custa nada porque é freeware.

Ad–Aware
www.lsfileserv.com/index.html

como remover o componente da VX2
www.cexx.org/vx2.htm

O que faz um CD?

Não sei se alguma vez repararam mas todos os CD áudios que se encontram à venda têm um símbolo que diz "Compact Disc Digital Audio". Esse é o símbolo que a Philips utiliza para certificar que esse produto é um verdadeiro CD. Nos últimos meses a indústria fonográfica começou a tentar implementar protecções anti–cópia nos CD que produzem, de modo a tentar impedir a criação de MP3 a partir de material seu, mas eis que a Philips toma uma decisão que pode mudar tudo (ou talvez não). A Philips, que é detentora de varias patentes sobre os CD e guardiã da norma, informou que os CD com protecções anti–cópia não devem conter o símbolo de CD, pois, segundo o seu ponto de vista não são compatíveis com grande parte da norma, degradam–na e impedem que o utilizador desfrute do CD ao máximo. Claro que isto não nos diz que a Philips vai impedir a criação de protecções anti–cópia para sempre, tanto mais que a Philips afirma ser contra a distribuição livre de material com direitos de autor, mas sim que o sistema anti–cópia actual é demasiado complexo e problemático para ser posto em prática.



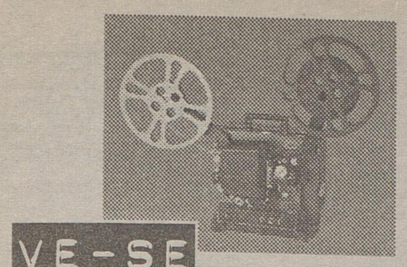
www.theregister.co.uk/content/4/23736.html

Notícia de última hora

Estava a decorrer na Austrália um julgamento para decidir se um DVD é um filme ou software. As implicações legais são relativas aos preços a aplicar no aluguer dos mesmos. A decisão final, foi que são filmes. Ganhou assim a associação de clubes de vídeo australiana contra a Warner Brothers. Falarei deste assunto com mais detalhe noutra altura.

www.smh.com.au/news/0201/26/national/national25.html

Feitas



"Vanilla Sky" de Cameron Crowe

Helder Silva Dantas



Como manda a "boa" tradição de Hollywood, esta última obra do realizador Cameron Crowe é um "remake" de um outro filme. Neste caso, "Vanilla Sky" vai buscar a sua história a "Abre los Ojos" de Alexander Amenábar, estreado em 1997. Mas também vai buscar a protaganista deste filme, Penélope Cruz, que aqui desempenha o papel de Sofia Serrano. No essencial, a versão de Crowe pouco muda em relação ao original. Só que esta versão aprofunda mais as relações humanas, criando um ambiente de proximidade ou repulsa entre as personagens.

A força motriz do filme reside nas tribulações do herdeiro de um império da publicação: o hedonista e narcisista David Aames (Tom Cruise). A sua vida de solteirão inveterado é recheado do melhor que o materialismo tem para oferecer: um Porsche, um Mustang, equipamento electrónico topo de gama, relógios IWC, e uma lista de conquistas femininas.

Cruise volta a encarnar uma alma penada em busca da salvação que só o amor parece poder oferecer, tal como em "Jerry Maguire" do mesmo realizador. Na festa do seu aniversário, apaixona–se à primeira vista com a personagem de Cruz (porventura, como na vida real também). Após este primeiro encontro, Aames quer refazer a sua vida, com Serrano ao seu lado. Julie Gianni, namorada rejeitada, porém (interpretada magistralmente por Cameron Diaz, quase nas linhas vingativas de Glenn Close em "Atracção Fatal"), intercepta o infeliz e numa fúria de ciúmes e desespero, conduz o carro em que seguiam por uma ponte abaixo. Após ter estado em coma durante três semanas, Aames acorda preso, desfigurado e amnésico quanto à pessoa que supostamente assassinou.

A desfiguração causa um complexo de "Fantasma da Ópera" em Aames, que lhe obriga a se esconder atrás de uma máscara de látex, apreensivo quanto à reacção do seu primeiro amor. A partir deste ponto, o espectador assiste à queda psicológica e profissional da personagem, em que o poder do subconsciente lhe começa a provocar alucinações. A sua vida torna–se semelhante àquela que vive uma mosca que, insistentemente, tenta trespassar um vidro, para escapar ao tormento. Num estado de paranóia, confunde a realidade com o sonho, em sequências de forte densidade dramática, mas de uma eficácia narrativa combalida.

No esforço de criar um ambiente de estilo "Quinta Dimensão" o realizador complica o enredo, deixando o argumento pejado de diálogos incipientes. Uma montagem exímia, porém, ajuda a superar as limites do enredo. O melhor do filme é mesmo a Banda Sonora criteriosamente escolhida por Crowe: canções dos Radiohead, R.E.M., Peter Gabriel, Bob Dylan e Todd Rundgren oferecem momentos de grande beleza feérica.

"Vanilla Sky" é o mais recente "ícaro" do cinema americano. De tão alto que quis voar, queimou a cera da coesão narrativa. Se é verdade que o filme retira o seu título de uma paisagem etérea de Monet, o mais próximo do ambiente do filme, em termos emocionais, é "O Grito" de Munch. É uma amálgama de muita coisa: referências godardianos, premissas hitchcockianas, onirismos kubrickianos e infernos dantescos, entre outras influências. Ao tentar encapsular a complexidade da vida e do amor, o argumento, de tão ambicioso, perde–se no próprio labirinto que montou. O último acto do filme intenta, de um modo primário, apanhar os fios soltos dispersos pelo filme, afundando titanicamente no mercado de valores da credibilidade. Ou não será esta cena filmada numa das duas torres do malogrado World Trade Centre...



"O Splee de Paris"

Charles Baudelaire (ed. Relógio d'Água)

Gonçalo Duarte

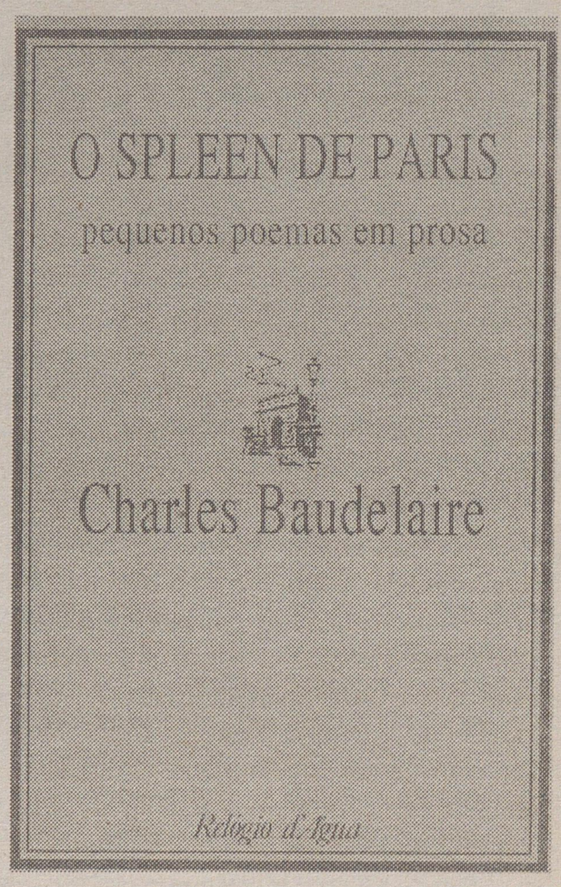
"E os seus olhos dizem: «Sou o último e o mais solitário dos homens, privado do amor e da amizade, e nisto bem inferior ao mais imperfeito dos animais. E todavia sei–me capaz, eu também, de compreender e sentir a Beleza imortal! Ah Deusa! tende piedade da minha tristeza e do meu delírio!".

Baudelaire (1821 - 1867) é, como se sabe, o poeta precursor da lírica moderna, empreendedor de uma nova forma de sentir e amar a beleza, espectador deslumbrado da vertigem do abismo. "O pintor da vida moderna". A par da sua obra poética, onde se integra o famoso livro "As Flores do Mal", e de ensaios como "Os paraísos Artificiais", "O Spleen de Paris" é um livro fundamental para uma leitura plural da sua importância incontestável na modernização da literatura e da cultura ocidentais.

Com "O Spleen de Paris", Baudelaire propõe–se retratar, em "numerosos fragmentos" sem "intriga supérflua", alguns acontecimentos que compõem a vida de uma grande cidade cosmopolita, numa época em que emerge a noção de cidade moderna. Através de episódios que tocam o anedótico mas com um fundo alegórico, quer captar aquilo que singulariza o seu tempo e a sua cidade (sabe–se como Baudelaire, dandy do seu tempo, se entregava à vida boémia), mas, para um temperamento tão sensível como o do poeta, Paris presta–se a ser amada febrilmente pela sua beleza ou vilipendiada com rancor ("Vida horrenda! Horrenda cidade!").

Na cidade, o poeta. O mesmo que compusera "As Flores do Mal", aquele ao qual chamaram poeta maldito. O "albatroz". Entre a multidão (que não despreza, antes admira: "nem a todos é dado o prazer de tomar um banho de multidões; gozar a turba é uma arte"), o poeta assume–se como ente singular, ser excepcional, que usufrui "do incomparável privilégio de poder à sua vontade ser ele próprio ou outra pessoa". Ainda que esse privilégio o afaste dos demais - a revelação, que excede o tempo comum, torna o poeta detentor de um poder que o aproxima do divino, pelo que o remete para o silêncio e o instaura na solidão. O conhecimento do inferno é o limite para os que ousam caminhar até onde seja possível. É na consciência dessa superioridade que se alimenta o tédio, grande leit–motiv da escrita baudelairiana, e do qual parte o desejo, nunca suficiente, de partir, de viajar, de alcançar países inimaginados ("É para lá que é preciso ir respirar, sonhar e alongar as horas pelo infinito das sensações"). Uma sina a que estão sujeitos todos os homens aos quais a lua estreitou nos braços - aqueles "que amam o mar, o mar imenso, tumultuoso e verde, informe e multiforme, o lugar onde não estão, a mulher que eles não conhecem, as flores sinistras que se semelham a turíbulos duma religião desconhecida, os perfumes que perturbam a vontade, e os animais selvagens e voluptuosos que são emblemas da sua loucura".

É esta aura de herói marginal que afasta o poeta dos comuns (e que o leva a um terrível desprezo pelos seres inferiores, estúpidos e desprovidos de sensibilidade) e o irmana a uns quantos "heróis ocultos", seres que também se sentem feridos pela beleza (e que igualmente são ditos incompreendidos, por vezes identificados como loucos). Ainda que dos homens que despreza não se afaste, por com eles partilhar os mesmos vícios, deles se distancia por dedicar–se à contemplação do belo. No fim, a arte redime. "Descontente com todos e descontente comigo, bem quisera resgatar–me e insuflar–me um pouco de orgulho no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles que amei, almas daqueles que cantei, confortai–me e amparai–me, tirai, tirai de pé de mim a mentira e os vapores infectos do mundo; e vós, Senhor meu Deus! concedei–me a graça de produzir alguns belos versos que me provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo".





Canção de embalar

Jorge Nande

Há alguns meses, nasceu no Funchal uma criança que, para além de inúmeras outras malformações, tem o cérebro líquido, um lábio aberto e nenhum pé. A mãe, que soube durante a gravidez das graves deficiências com que a filha iria nascer, decidiu, a muito custo, abortar. Apelou às instâncias competentes, que a terão atendido com o sorriso fácil e a inclinação de cabeça compreensiva que aprenderam a despender em situações semelhantes. Disseram–lhe que sim, que esperasse. Mas a decisão foi sendo adiada e adiada, até que o prazo legal passou, surdo, subtil e terrível. A mãe já não podia abortar sob o manto protector da lei porque aqueles que se deveriam comportar como funcionários da sua aplicação se deixaram cair confortavelmente no mar morno da displicência. Por causa da estupidez monstruosa e arrogante de uns quantos burocratas incompetentes e tacanhos, uma menina ligada a aparelhos médicos dorme, num hospital funchalense, um sono de plástico entre uma vida que nunca conhecerá e uma morte que a vai cobrindo a pouco e pouco.

O que se diz e se pensa actualmente na praça pública parece negligenciar uma evidência simples: a de que, por trás das fachadas das associações e plataformas, escondidos entre os cartazes e as palavras de ordem das manifestações, esquecidos das cruzes brandidas a prometer fogos eternos, o sangue e a carne continuam a ser fendidos e varados. Isso, no entanto, é algo que não se diz, não se mostra.

Apregoar valores abstractos e trocar insultos é muito mais fácil, tal como é mais razoável contornar as sinuosidades de corredores politicamente correctos. Como numa guerra, a discussão sobre o aborto começa a desligar–se lentamente dos princípios que a basearam e a transformar–se numa estrutura por si mesma, num novo jogo de conveniências.

E que instrumentos utilizam os jogadores? Os que se opõem ao aborto utilizam o pânico. Algo diferente do medo, que é o receio daquilo que conhecemos sem compreender e, por isso, nos aparece evidente em todo o seu absurdo. O pânico, ao contrário, não surge de algo evidente: insinua–se, mesquinho, pela calada da intriga, do engano. É a expressão perfeita do conservadorismo. Refugiados atrás de meia dúzia de frases feitas, tão falaciosas e radicalmente básicas na sua verdade, os opositores do aborto protegem o seu próprio direito à inércia. È simples: quando se arruma uma casa até à exaustão da delicadeza, teme–se uma presença estranha, mais pelo hábito do silêncio do que pela ameaça de desarrumação. Liberalizar o aborto significa torná–lo público, acessível, visível. Algo difícil de conceber para quem estiver acostumado a vê–lo como um embaraço social - ninguém quer perder o direito à vergonha. A direita vai–se assim construindo na fragilidade do ar que ela própria exala, revelando–se em toda a sua bisonhice maniqueísta.

Por outro lado, as plataformas de apoio ao aborto padecem do mal comum a toda a esquerda moderna, que, depois da derrocada do marxismo-leninismo, se comporta como um ceguinho numa nova cidade: enquanto procura novos pontos de referência, vai cantarolando baixinho os de outrora, esquecendo–se, a espaços, da verdadeira cidade em que está. Daí que a boa vontade que move as consciências favoráveis ao aborto seja também a sua maior fraqueza: os entusiasmos das manifestações e das acções de solidariedade súbitas podem inflar–se desmesuradamente num segundo e esvaziar–se logo a seguir, deixando um rasto triste de faixas pintadas que são levadas lentamente pelo vento.

No entretanto, temos uma lei interpretada restritamente que pune quem ninguém quer punir, nem mesmo aqueles que julgam. A mulher condenada na Maia, mesmo que o tivesse sido a uma pena muitíssimo ligeira, não deixou de se comportar como uma mártir. Ao ter sido a única a confessar haver abortado, roubou a força que a defesa da enfermeira tinha, catapultando a pesada condenação final desta. Disse ela que não conseguia virar as costas à verdade. A verdade é que aquelas 17 mulheres não estavam a ser julgadas por terem abortado, mas por não terem tido os recursos financeiros suficientes para o ter feito em Espanha. É essa a verdade que temos. E, enquanto uma mãe der à luz uma filha para a qual só pode desejar uma morte num dia em que o mar murmure baixinho, essa verdade é muito pouca.

Diálogos teatrais

Amanhã, às 21h30, o Café Galeria São Francisco (em Santa Clara) acolhe a primeira de três "Conversos de Teatro". Esta iniciativa, idealizada durante a produção do "Sonho de uma Noite de Verão", no ano passado, é a primeira do seu género organizada pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

São três conversas, para "sensibilizar e formar o público", de modo a alterar uma "ideia errada que existe sobre o teatro". Os organizadores pretendem desmistificar a ideia de que esta é uma arte de elites, reservada a uma minoria entendida. Qualquer pessoa pode participar pois os organizadores pretendem "um ambiente descontraído".

A primeira aborda as "Metodologias de Um Actor" com a presença dos oradores Sílvia Brito, Clovis Levi e Nicolau Pais. Embora o trabalho do actor seja uma peça fundamental do xadrez teatral, para Carla Sofia Nunes, o teatro não é só o trabalho em cima do palco. "Trabalhar para que as coisas aconteçam" implica toda um conjunto de acções relacionadas com a encenação, a produção e com o trabalho técnico que antecede apresentação de um espectáculo.

A "Função social do Teatro", irá aprofundar a importância desta arte numa sociedade actual. Às 21h30, no Café Galeria Santa Clara, Fernando Mora Ramos será o orador que irá abordar o "Porquê do teatro"; "Para que existe", entre outras perguntas importantes.

A última conversa, no Café Teatro do TAGV, vai discutir "Gil Vicente - O autor e a obra". Segundo Tiago Gonçalves, esta conversa justifica–se pela comemoração dos 500 anos da primeira apresentação pública do vicentino "Monólogo do Vaqueiro". Assim, no dia 13 de Fevereiro às 19h00, os convidados António Augusto Barros, João Maria André, João Mendes Ribeiro e José Bernardes irão aprofundar os conhecimentos sobre esta figura nacional

Capital Nacional da Cultura

Realizou–se no passado dia 24 a primeira reunião dos responsáveis pela organização do evento "Coimbra, Capital Nacional da Cultura 2003", onde foi feito um balanço do trabalho já realizado e definidos os métodos de trabalho a seguir. Segundo Abílio Hernandez, comissário responsável por este projecto, existe uma profunda confiança nas capacidades dos parceiros, que se espera sejam suficientes para ultrapassar as dificuldades, nomeadamente a falta de tempo que se faz sentir neste momento. O dinheiro não é um problema, pelo menos para já, já que existe um fundo de um milhão de contos doado pelo Ministério da Cultura que possibilitará o arranque dos trabalhos. Para já, não foram apresentados dados concretos mas a imagem do evento deverá ser apresentada nos próximos dias, tal como a sede do projecto, enquanto que em Março vão ser apresentadas as linhas gerais daquela que vai ser a primeira capital da cultura, a nível nacional.

Para Carlos Encarnação este projecto tem todas as possibilidades para ser bem sucedido, uma vez que "as pessoas conseguem fazer milagres", existindo já muito trabalho feito. Esta iniciativa vai–se reger pela máxima "Cultura, Ciência e Cidadania" e pretende realçar o melhor que se faz em Coimbra e no país.

Os eventos vão começar já no final deste ano, com a realização de iniciativas como os Encontros de Fotografia ou os 500 anos do teatro português que vão ser incluidos na programação de Coimbra, Capital Nacional da Cultura 2003.

Novo cartão superior

A Federação Académica de Coimbra (FAC) abriu na passada semana um concurso para a criação de um cartão de descontos demominado "Cartão FAC". Este cartão pretende oferecer aos oito mil estudantes dos institutos e escolas superiores que fazem parte da FAC (ISEC, ESEC, ARCA/ETAC, Escola Superior de Tecnologias de Saúde de Coimbra e Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto), a possibilidade de descontos em diversos locais, sejam eles livrarias, cinemas, museus, lojas de música, casas de fotocópias, entre outros.

O cartão deve começar a ser utilizado no início do ano lectivo de 2002/2003, uma vez que o resultado final do concurso vai ser aprovado já no próximo mês de Março. Os estudantes deverão pagar uma pequena quota anual pelo cartão, que tem um prazo de duração de cinco anos e que vai conter o logotipo da FAC. Na aquisição do Cartão FAC recebe–se também um guia, que poderá estar desponível na Internet, onde estão descritos todos os locais onde se pode beneficiar de descontos. Comparável ao Cartão Jovem, destingue–se apenas por não estabelecer limite de idades.

O concurso está aberto a todos que queiram participar não se restringido só aos estudantes e o prazo de entrega dos projectos é no dia 18 de Fevereiro, sendo o prémio para o vencedor de 100 euros.

Cinemas na Triunfo

A antiga fábrica da Triunfo vai ser tranformada num espaço de lazer e diversão, com dez cinemas e uma ampla área de comércio. A reconversão deste espaço dará lugar uma área multifuncional, de âmbito iminentemente lúdico e cultural, com mais de 8000 m2 e cerca de 350 lugares de estacionamento.

Este projecto, que ainda prevê a construção de uma zona de escritórios, está avaliado em cinco milhões de contos (cerca de 25 milhões de euros) e é da responsabilidade da Sociedade Imobiliária de Cinemas (SIMO), sediada em Lisboa. Apesar desta reenstruturação, a SIMO pretende ainda assim manter a arquitectura do edifício, sem alterar o traçado original da antiga fábrica de bolachas coimbrã.

Contudo, este projecto está a encontrar alguns entraves. Por um lado, devido à necessidade de uma reorganização urbanística da Avenida Fernão Magalhães que este levanta e, por outro, devido a algumas reticências políticas que surgem em seu redor. Para Gouveia Monteiro, vereador camarário eleito pela CDU, este complexo apenas irá contribuir para a desertificação da baixa coimbrã, isto numa zona em que, segundo o Plano Director Municipal, apenas está prevista a instalação de imóveis para habitação ou indústria.

Porém, segundo Manuel Machado, ex–presidente da câmara e responsável pela aprovação deste processo, este é um importante passo na revitalização da baixa da cidade e da zona ribeirinha.